



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**O CANSAÇO NA SOCIEDADE SUL-COREANA: UMA ANÁLISE DO K-DRAMA “MY  
LIBERATION NOTES” (2022)**

**MARIA LARISSA DE BRITO**

**CAMPINA GRANDE, 2024**

MARIA LARISSA DE BRITO

O CANSAÇO NA SOCIEDADE SUL-COREANA: UMA ANÁLISE DO K-DRAMA “MY  
LIBERATION NOTES” (2022)

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento

CAMPINA GRANDE, 2024

MARIA LARISSA DE BRITO

O CANSAÇO NA SOCIEDADE SUL-COREANA: UMA ANÁLISE DO K-DRAMA “MY  
LIBERATION NOTES” (2022)

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado em 22 / 10 / 2024 com o conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento (UAH/UFCG)  
Orientador

Prof. Dr. Eduardo Roberto Jordão Knack (UAH/UFCG)  
Membro interno

Prof. Dr. José Otávio Aguiar (UAH/UFCG)  
Membro interno

CAMPINA GRANDE, 2024

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar essa monografia as seguintes pessoas:

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e me ensinaram coisas que nem a universidade ensina. Por serem minha fortaleza e minha inspiração em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins. Por serem tudo na minha vida e minha maior conquista. Nada disso seria possível sem vocês.

A minha irmã Deborah, minha alma gêmea, minha companheira e minha inspiração na vida acadêmica e fora dela também. Obrigada por ser a pessoa que eu penso quando tento ser uma pessoa melhor.

Ao meu amor, Yuri, ou devo agradecer ao curso de História por ter me dado um amor para a vida toda? Obrigada por estar comigo em todos os momentos, principalmente quando preciso de um ombro para chorar e para me acolher. Obrigada por ser minha paz em momentos de caos, o amor da minha vida e bem mais precioso.

Ao meu primo Flávio, por me ajudar e acolher em Campina Grande quando eu me encontrava perdida na cidade grande. Obrigada pelos momentos de conversa quando eu estava na minha versão mais ansiosa.

Aos meus padrinhos, Antônia e Eraldo, por me acolherem em sua casa para que eu pudesse realizar meu sonho de me formar. Madrinha, obrigada por ser uma segunda mãe para mim por todo esse tempo.

A toda a minha família, tias, tios, primos, primas, avô, que sempre torceram e cuidaram de mim.

Aos meus colegas Lucas e Carol, por serem os melhores amigos que a universidade poderia me dar. Agradeço pelos conselhos, risadas, choros, e pelo companheirismo nesses anos de curso. Vocês se tornaram amizades que levarei para sempre. Amo vocês.

Ao PET-História, por mudar completamente a forma que eu enxergo o mundo e a educação. Agradeço principalmente ao professor Luciano Queiroz, pessoa que tenho muita admiração e apreço, e que me ensinou a construir uma prática pedagógica de resistência. Espero um dia chegar pelo menos perto do professor que você é.

Aos meus amigos Thainá, Mônica, Arthur e Antônio, por serem minhas memórias mais felizes do ensino médio e da vida.

Aos meus colegas do 2020.1 e demais turmas, tive o privilégio de conhecer pessoas maravilhosas nesse curso.

Ao meu orientador, Celso Gestermeier, por me fazer perceber que meu tema era possível desde a disciplina de Ciberespaço e por quem tenho um carinho e admiração enorme.

*Posso não conseguir me libertar completamente do tempo, mas descansar após ter feito o suficiente e acordar quando tiver dormido o suficiente.. Encontrar meu próprio ritmo assim pode ser a libertação de que mais preciso. (My Liberation Notes, 2022)*

## RESUMO

A utilização de fontes audiovisuais por historiadores deve possuir um estatuto intermediário entre a linguagem técnico-estética e a decodificação representacional de eventos ou personagens históricos. Logo, a linguagem do cinema consegue se relacionar com questões sociais, desde a forma de recepção do público até as intenções dos produtores. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca analisar a série “My Liberation Notes” (2022), discutindo como é trabalhada nela a questão do cansaço na sociedade sul-coreana atual, entendendo a relação entre a hiperprodutividade capitalista e o adoecimento psíquico, onde a esfera do trabalho e do sistema acelerado acaba afetando a esfera social. Para fundamentar a pesquisa, serão utilizados o conceito de Sociedade do Desempenho de Byung-Chul Han (2015), refletindo sobre como o neoliberalismo cria uma violência interna e neural ao exigir a superprodução e o superdesempenho; também será utilizada uma análise do neoliberalismo de Christian Laval e Pierre Dardot (2016), compreendendo-o como uma lógica política normativa conduzida pelo intervencionismo governamental; Christian Dunker (2020) entendendo o capitalismo como um dos principais fatores para o sofrimento psíquico; por fim, se mostra importante também utilizar Emiliano Unzer (2018) para refletir sobre o contexto histórico e social sul-coreano, principalmente após a influência de uma das maiores potências capitalistas na península coreana, os Estados Unidos. Os resultados preliminares mostram que as características do neoliberalismo (concorrência, hiperprodutividade, aceleração) estão bastante entrelaçadas com o cansaço dos indivíduos, conseguindo ser bem desenvolvido no audiovisual estudado.

**PALAVRAS-CHAVE:** My Liberation Notes; Neoliberalismo; Sociedade do Cansaço.

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1 Mapa da península coreana. Pg.16
- Imagem 2 Mi-jeong sorrindo com os colegas. Pg.45
- Imagem 3 Mi-jeong com feição séria ao sair do encontro. Pg.45
- Imagem 4 Diferentes planos para a imersão do público na narrativa dos personagens. Pg.47
- Imagem 5 Cena da família trabalhando. Pg.47
- Imagem 6 Cena da família jantando. Pg.47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA COREANA E A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO ESTADUNIDENSE.....</b>	<b>15</b>
1.1 A Hallyu e a Cultura Coreana.....	15
1.2 História da Coreia.....	16
1.3 A Reconstrução.....	22
1.3.1 Desigualdade e adoecimento.....	25
<b>CAPÍTULO 2: NEOLIBERALISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO.....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 3: O CANSAÇO E A CRÍTICA SOCIAL EM MY LIBERATION NOTES (2022).....</b>	<b>40</b>
3.1 Sobre o gênero K-Drama.....	42
3.2 O cotidiano na tela.....	44
3.3 O silêncio.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

Quando se pensa em Coreia do Sul no palco global, logo nos é apresentando o K-Pop, o K-Drama com histórias de membros de *Chaebols*<sup>1</sup> bem sucedidos que se apaixonam por secretárias e desenvolvem lindas histórias de amor, um mundo perfeito diferente da vizinha nortista que seria atrasada e sem liberdade. Entretanto, quando paramos para entender um pouco mais profundamente sobre a História da península coreana, que foi dominada diversas vezes, por mongóis, chineses, japoneses e, por fim, altamente influenciada pelos Estados Unidos após a Guerra da Coreia (1950-1953), vemos que a reconstrução de metade de uma nação que se via destruída e que agora tentava se reerguer com o capitalismo norte-americano como base, resultou em algumas cicatrizes e em novas feridas até os dias atuais.

Conhecida pelo alto desenvolvimento tecnológico e industrial, a Coreia do Sul representa uma das maiores economias do continente asiático. Entretanto, ao adentrar mais profundamente na história deste país, observamos que as desigualdades sociais estão bastante presentes. Junto a sua “reconstrução”, em busca de alavancar sua economia, a nação sul-coreana sofreu com governos liberais autoritários e golpes de Estado de militares que reprimiram diversas manifestações da população insatisfeita tanto com a separação quanto com as formas de governo. Aliado a isso, o país também precisou de capital estrangeiro para impulsionar sua modernização econômica. A partir dos anos 1960 e 1970, começou a se formar uma classe empresarial industrial, conglomerados de empresas controladas por famílias e associados. Enquanto isso, a desigualdade econômica fez com que sindicatos e estudantes realizassem diversas manifestações e, a partir do final da década de 1980, o número de paralisações e greves cresceram consideravelmente. Apenas em 1992 a Coreia do Sul teve seu primeiro presidente civil. Dessa forma, foi nesse desenrolar que a economia sul-coreana se formou e que iremos debater.

O problema a ser investigado neste trabalho está relacionado à forma que a ordem neoliberal adentra na subjetividade dos indivíduos da sociedade capitalista e gera sofrimento psíquico, tomando como exemplo a sociedade sul-coreana através do K-Drama<sup>2</sup> *My Liberation Notes* (2022). A hipótese da pesquisa gira em torno da análise de como este K-Drama expressa a relação entre a sociedade do desempenho e o cansaço, resultando em noções capitalistas adentrando em todas as esferas da vida pessoal dos personagens,

---

<sup>1</sup> Conglomerados de grupos empresariais sul-coreanos.

<sup>2</sup> Remete ao Korean Drama (híbrido de telenovela e séries americanas presente nas produções sul-coreanas).

principalmente a esfera social. O objetivo geral do trabalho é investigar como as relações sociais são impactadas pelo projeto neoliberal, de forma que todas as interações com outros e consigo pareça trabalho. Os objetivos específicos se encontram em, primeiramente, analisar o K-Drama e compreender os interesses da autora ao apresentar personagens exaustos e que não conseguem acompanhar o ritmo acelerado de uma sociedade excludente como a capitalista. Além disso, busca-se discutir como um país não-europeu que sofreu diversas invasões em sua história desenvolveu uma forma capitalista de viver tanto economicamente quanto socialmente, e como as desigualdades deste sistema refletem na esfera psíquica dos seus indivíduos. Por fim, busca-se analisar como os elementos presentes numa sociedade capitalista e neoliberal, tais como discursos de meritocracia, aceleração, superprodutividade, superdesempenho, refletem nas percepções de felicidade, liberdade e bem-estar social.

Meu interesse pelo tema surgiu quando percebi que poderia juntar meu hobby favorito (assistir audiovisuais coreanos) com minhas pesquisas acadêmicas. Além disso, desde o início da graduação sempre me interessei por História Oriental, sendo monitora de Estudos de História do Oriente duas vezes. Por fim, outro ponto que me fez chegar a esta pesquisa foi o de me sentir representada pela protagonista em diversos momentos, compreendendo meus sentimentos de inutilidade e cansaço como um resultado de estar num sistema que, apesar de não ser o sul-coreano, também exige aceleração e superprodução acima de qualquer coisa. Dessa forma, a partir de um olhar de historiadora e não mais de apenas receptora dos conteúdos audiovisuais coreanos, escolhi um para me aprofundar e tentar responder questões e problemáticas desta pesquisa.

Mas porque escolhi *My Liberation Notes*? Este K-Drama narra a história de 3 irmãos que vivem em *Sanpo*, zona rural da Coreia do Sul, mas que precisam ir todos os dias para *Seul*, a capital do país, onde vão trabalhar, encontrar parceiros ou amigos. Durante a história, é perceptível enxergar como esses personagens se sentem excluídos e cansados por viverem longe do centro do capitalismo coreano e não acompanharem seu ritmo. Logo, a busca por felicidade, liberdade, adoração e até sobrevivência são abordadas na trama, onde cada personagem tem seus dilemas e problemas individuais, principalmente a protagonista *Yeom Mi-jeong*, que quer se sentir adorada a todo custo e que não vê muita perspectiva na vida, além de sentir qualquer interação social como se fosse trabalho e que necessitasse de fingimentos. Este audiovisual não é o primeiro que aborda o tema de cansaço na sociedade sul-coreana, existem outros como “*My Mister*”(2018), “*Summer Strike*”(2022), “*Little Forest*”(2018), entre outros. Entretanto, *My Liberation Notes* traz consigo além de dilemas perceptíveis nas falas dos personagens, conjuntos técnicos de códigos da linguagem

audiovisual que conseguem fazer quem está assistindo sentir a narrativa. Desde os cortes, silêncios e movimentos de cena até a trilha sonora e os enquadramentos, conversam totalmente com a narrativa proposta e com o enredo do K-Drama. Foi escolhido porque, de certa forma, incomoda. Ao mostrar a realidade e o cotidiano duro de se viver no neoliberalismo.

Considero importante estudar este tema porque, o contexto que o século XXI apresenta, com sociedades cada vez mais aceleradas e que buscam a maximização da produção, necessita de reflexões sobre até que ponto tais aspectos impactam as formas de se relacionar dos indivíduos com os outros e consigo. Portanto, através desta pesquisa procuro contribuir em diversos aspectos, primeiro, fazer com que os leitores busquem problematizar a realidade em que vivem e compreender como esse adoecimento coletivo é resultado de aspectos políticos e econômicos; segundo, como já dito, combater discursos que invalidam o papel destes pontos na saúde mental dos indivíduos; e, de certa forma, contribuir com a discussão para uma sociedade mais saudável onde os seres nela presente tenham noção de si e de seu lugar na sociedade. Logo, um estudo histórico que se preocupe em discutir esses impactos se mostra necessário para a construção de uma prática historiográfica que dê ênfase ao social.

Sobre a metodologia utilizada, Napolitano (2008) aponta:

“a necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu "conteúdo" narrativo propriamente dito).” (p.237).

Nesse sentido, a linguagem técnico-estética do K-Drama será analisada a partir dos autores, da recepção, das condições materiais de elaboração, do gênero, da ficha técnica, dos enquadramentos, da trilha sonora, das escolhas, dos silêncios, das movimentações de cenas, entre outros. Levando em conta que tais aspectos não são neutros, eles possuem intenções de seus criadores e, ao analisar um documento audiovisual, é fundamental levar em consideração todos esses códigos internos. Além disso, quanto ao conteúdo narrativo, busca-se analisar as falas dos personagens e os discursos que tais falas carregam, os aspectos representacionais de eventos históricos apresentados diretos ou indiretos.

Junto à metodologia, a análise de tais aspectos se dará a partir de leituras como: Han (2015), Macedo (2018), Rosa (2015), Laval e Dardot (2016), entre outros, apropriando-se de conceitos e temáticas abordadas por eles para os objetivos específicos deste trabalho. A

exemplo da análise da Sociedade do Desempenho de Han e sua relação com o cansaço; a discussão de Macedo sobre a história da península coreana e o adentramento de valores capitalistas na Coreia do Sul; a investigação de Rosa acerca do gênero K-Drama e sua relação com o fenômeno da *Hallyu*; e, por fim, a análise de Laval e Dardot acerca da ordem neoliberal e de seu funcionamento em sociedades capitalistas. Além deles, utilizarei textos em inglês, traduzidos por ferramentas do google, como os textos de Song (2010), Seo (2010) e Shin (2010). Tais autores se mostram imprescindíveis para uma análise completa do objeto e do contexto desta pesquisa.

Discutir a História contemporânea se mostra como uma prática historiográfica urgente. O que seria da História se não relacionarmos ela com a contemporaneidade para podermos problematizar a sociedade atual e os problemas atuais? O historiador Eric Hobsbawm, ao refletir sobre a prática histórica e historiográfica em “Sobre História” (2013), afirma que, “a postura que adotamos com respeito ao passado, quais as relações entre passado, presente e futuro não são apenas questões de interesse vital para todos: são indispensáveis.” (p.44). Dessa forma, pensar a História contemporânea e relacionando-a com o passado, além de ser essencial, precisa ser cuidadosamente elaborada. Além disso, é pensando no ontem como constituição da história que podemos fazer uma prática histórica que realmente impacte o mundo contemporâneo e que faça sentido para o caráter de História-Problema trazido pelos Annales:

Os historiadores são o banco de memória da experiência. Teoricamente, o passado - todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje - constitui a história. Uma boa parte dele não é da competência dos historiadores, mas uma grande parte é. E, na medida em que compilam e constituem a memória coletiva do passado, as pessoas na sociedade contemporânea têm de confiar neles. (HOBSBAWM, 2013, p.45).

Os últimos séculos apresentaram mudanças significativas de forma acelerada e abrangente, a História pode descobrir e analisar esses padrões e mecanismos da mudança histórica. Neste trabalho, buscou-se analisar a sociedade contemporânea sul-coreana através de uma contextualização histórica desde sua formação, mas com ênfase maior nos últimos séculos e nas mudanças ocorridas principalmente após o período de “redemocratização” e entrada do sistema neoliberal. Busco analisar desde a influência do capital estadunidense na península, até a própria “restauração” da sociedade com ajuda desse capital. Quais seriam as consequências? Como isso influenciou as práticas econômicas e sociais do século XXI? Todas essas questões foram essenciais para a construção da minha análise.

Hobsbawm (2013) continua sua reflexão afirmando:

A história não tem nenhuma fórmula simples para descobrir as consequências exatas dessa mudança, ou as soluções para os problemas que provavelmente gerará, ou já gerou. Mas ela pode definir *uma* dimensão urgente do problema, a saber, a necessidade de redistribuição social. (p.55)

Portanto, compreendendo a necessidade de abordar a história contemporânea da Coreia do Sul tanto por sua influência econômica quanto cultural no globo, busco relacionar passado e presente para identificar as problemáticas dessa sociedade em específico.

Assim, organizei este trabalho e o dividi em 3 capítulos: No primeiro, intitulado “A História coreana e a influência do capitalismo estadunidense”, abordarei a história da Coreia do Sul desde a formação de uma unidade dita coreana, a colonização japonesa, a Guerra da Coreia e, por fim e com mais ênfase, a divisão da península em duas e a influência capitalista dos Estados Unidos no desenvolvimento da nação sul-coreana, analisando aspectos econômicos, políticos e sociais. Tal capítulo se mostra importante para que o leitor entenda o contexto no qual a economia sul-coreana se desenvolveu e como isso influencia a vida dos sul-coreanos nos dias atuais. No segundo capítulo, intitulado “Neoliberalismo e sofrimento psíquico”, farei uma discussão teórica com os autores Han (2015), Laval e Dardot (2016) e Safatle, Júnior e Dunker (2020) sobre o cansaço na sociedade neoliberal, abordando como o funcionamento da sociedade e dos discursos neoliberais afetam as subjetividades dos indivíduos que são vistos como capital e, portanto, se encontram num contexto de aprimoramento de si para aumento da produção, o que resulta em doenças neuronais e na violência da positividade. No terceiro capítulo, intitulado “O cansaço e a crítica social em *My Liberation Notes* (2022)”, irei de fato analisar o K-Drama *My Liberation Notes*, tanto seus códigos e linguagens específicas do gênero K-Drama, quanto o conteúdo representacional da sociedade sul-coreana nele contido. Irei refletir sobre como a trama discute os conflitos, jovens e suas paixões, o “enigmático” eu, os silêncios, entre outros elementos, e sua relação com a problemática do trabalho.

## CAPÍTULO 1: A HISTÓRIA COREANA E A INFLUÊNCIA DO CAPITALISMO ESTADUNIDENSE

### 1.1 A *Hallyu* e a Cultura Coreana

A cultura sul-coreana vem ganhando cada vez mais espaço no palco global e conquistando corações de estrangeiros de todo o globo. O K-Pop ganhou importância principalmente pelo grupo BTS que chegou até a discursar na Casa Branca contra o racismo com pessoas de origem asiática; além deles, grupos como Twice, Stray Kids, Blackpink e o cantor PSY ganham cada vez mais visualizações nas redes sociais e fãs no mundo todo. Além da música, a cultura coreana chega para as pessoas através dos seus K-Dramas, esse híbrido entre telenovelas e séries ganham destaque por suas histórias com muito romance, drama e até ação dependendo do drama, chegando até a Netflix, que agora além de comprar produções já publicadas, também produz seus K-Dramas originais Netflix, como Kingdom (2019), Tudo bem não ser normal (2020), Love Alarm (2019), entre outros. Através deles, os internautas se interessaram cada vez mais em entender a cultura coreana, seu idioma, sua forma de se comportar, seus costumes, suas vestimentas, etc. Essa influência fez com que o interesse pelo turismo, produtos de beleza, conteúdos pop e alimentação coreana aumentasse em números absurdos.

Atualmente, marcas como Samsung e Hyundai Excel fazem parte do cotidiano do mundo todo, principalmente no Brasil. Assistimos Parasita (2019) ganhar o Oscar de melhor filme em 2020, Round 6 (2021) se tornou a série mais assistida da história da Netflix, entre diversas outras produções. Dessa forma, se mostra cada vez mais importante estudar a sociedade sul-coreana devido ao seu impacto cultural mundial.

Toda essa disseminação da cultura coreana faz parte de um projeto muito maior, chamado de *Hallyu*, ou, “Onda Coreana”. O governo sul coreano incentivou a indústria do entretenimento para favorecer a economia, difundindo a cultura coreana globalmente e trazendo pessoas para dentro dela:

Foi então que, em Pequim, jornalistas chocados com o sucesso do K-Drama e do K-Pop cunharam o termo *Hallyu* — a Onda Coreana. Este termo, em Japonês e em Coreano, na verdade se pronuncia “Han-ryu” ou “Han-lyu”, que literalmente seria “a onda dos Han”, ou seja, do povo do rio Han, os coreanos. No entanto, o termo se propagou como “*Hallyu*”, uma pronúncia americanizada da palavra (ROSA apud HONG, 2015, p.36)

Nessa perspectiva, se mostra necessário entender como essa cultura coreana se formou e quais os impactos que ela causa. Os estrangeiros acabam tendo contato apenas com aspectos “apaixonantes” da cultura coreana, não conhecendo, entretanto, a realidade se sua História e a realidade de desigualdade social que sua população vive. Muitas vezes, as histórias de amor que temos acesso nos K-Dramas, assim como seus finais felizes, apagam a percepção crítica que poderíamos ter conhecendo a realidade socioeconômica do país. Entretanto, o cinema se mostrou interessante quanto a crítica social, e até os K-Dramas passaram a criticar o sistema sul-coreano, a exemplo do K-Drama aqui analisado.

## 1.2 História da Coréia

Pensar na história da península coreana é um processo complexo, cheio de invasões e disputas em suas fronteiras, sofrendo também com a colonização japonesa, com guerras civis e repartições de seu território. Pensar na história sul-coreana é pensar nesse mesmo povo que sofreu, que foi influenciado pelo Japão e que tentou se reerguer com o capitalismo estadunidense, que resistiu aos governos autoritários e militaristas resultados dessa relação com os Estados Unidos e que hoje possui uma das maiores economias do continente asiático, mas que também é repleta de desigualdades e de discursos neoliberais, fazendo-nos refletir se ela realmente é “livre”. Logo, busca-se aqui fazer uma contextualização histórica da península e discutir sobre sua contemporaneidade.



Imagem: Mapa da península coreana.

Fonte: 123RF, s.d.

O historiador Emiliano Unzer Macedo traz um panorama bem interessante da história da península coreana e de sua própria formação, entendendo sua singularidade e valorizando a unidade coreana antes do século 20. A Coreia ocupa uma península no Leste Asiático, sendo rodeada por três mares: o mar do Oeste, o do Sul e o do Oeste. Sua topografia possui 70% de montanhas em seu território e sua escrita foi elaborada a partir de um sistema chamado de Hangeul, criado pelo rei Sejong da dinastia Joseon no século 15. Sobre sua formação étnica, Macedo (2018) afirma:

Em termos étnicos e linguísticos, os antecessores dos coreanos vieram do nordeste asiático e norte da China. Mas a principal evidência aponta para origens culturais e da língua coreana não de chineses, mas de falantes da família linguística altaica, tais como os turcomanos, mongóis, tungus, manchus e japoneses. Uma família completamente distinta das línguas chinesas. Outras evidências apontam que as origens coreanas com relação aos mitos e símbolos de totens de ursos e tigres remetem a povos altaicos das estepes asiáticas. O culto desses símbolos e mitos conjugam-se com a prática siberiana do xamanismo e de objetos de valores simbólicos usados em rituais como a espada e o espelho, algo que se pode constatar também na história japonesa. (MACEDO, 2018, p.10, pdf)

O território que hoje conhecemos como a península coreana foi palco de diversas migrações, os primeiros vestígios apontam para a migração de povos das cordilheiras Altai, da Mongólia, que trouxeram técnicas de agricultura e novas culturas para os aborígenes coreanos e manchurianos. Além disso, também houveram influências da chamada cultura de Liaoning do século 10 a.C, pertencente a culturas siberianas do Norte da China. O nome *Choson* (Coréia) como estado político irá aparecer narrado em registros chineses do século 4 a.C.

Apesar de algumas vezes confundidos, os traços da cultura chinesa e coreana nos primeiros séculos d.C se mostram bem diferentes, mesmo com a dinastia Han dominando a região Norte que foi incorporada pelo império Chinês a partir de 108 a.C, a administração se dava de maneira confederada, mantendo o costume da região. Logo, é importante destacar que a “Coreia” unificada irá acontecer apenas com o reino de *Silla* em 576 d.C que, através de golpes, conquistas e dominações, passaria por algumas dinastias, chegando a última antes da dominação japonesa, a de *Joseon* (1392-1910). Antes da unificação, 3 reinos maiores como *Koguryo*, *Silla* e *Baekje*, além de reinos menores como *Kaya*, terão destaque na história coreana se sobrepondo uns sobre os outros até a vitória de *Silla*.

A relação da península coreana com o império chinês vai perdurar muitos anos, os monarcas do território coreano sempre buscavam fazer relações amigáveis com as dinastias chinesas no poder, utilizavam a escrita chinesa adaptada para a língua coreana e, não menos importante, absorveram o confucionismo e o budismo tanto na vida religiosa, política e social. Apesar dessas influências, os coreanos mantiveram seus costumes artísticos com cerâmicas, seus ritos funerários e sua arquitetura, variando de reino para reino.

O budismo, nascido na Índia e trazido para a China através de rotas do Paquistão e Afeganistão, chegou no território coreano trazendo sua mensagem universal e não-exclusivista, “qualquer um, em suma, poderia alcançar a iluminação espiritual, sem distinções sociais, de gênero e etnia” (MACEDO, 2018, p.24). Além do budismo, o confucionismo chinês também terá bastante influência, principalmente para estabelecer um sistema hierárquico e burocrático coreano. As duas linhas de pensamentos foram defendidas por diferentes governantes e em muitas vezes entraram em disputas pela diferença de proposta.

As fronteiras do reino de Koryo foram ameaçadas por povos *khitans*<sup>3</sup> e, depois, por mongóis:

Em 1219, os mongóis chegaram a propor uma aliança com Koryo para juntos enfrentarem os khitans que estavam se fortalecendo após a queda de Jin. Durante esse período de negociações, as tensões entre os coreanos e os mongóis aumentaram após o assassinato de um enviado da corte de Gêngis Khan que tinha ido cobrar um tributo simbólico. Como resposta, em 1231, os mongóis assolaram as fronteiras ao norte de Koryo e tomaram a capital Gaegyeong (Kaesong). (MACEDO, 2018, p.55)

O território ficou devastado e muitas pessoas morreram, além dos mongóis terem destruído diversas propriedades e templos, como o pagode<sup>4</sup> de nove camadas no templo de *Hwangnyongsa*.

Após a queda de *Koryo* (918-1392), se ergueu a dinastia *Joseon* (1392-1897), construindo um Estado monárquico autoritário com o poder centralizado na figura do rei e dos altos funcionários públicos, os *yangbans*. Realizou-se uma política de amizade com a China e o Japão, entretanto, *Toyotomi Hideyoshi*, ao conquistar a maior das províncias japonesas, começa a almejar o território coreano, principalmente pela demanda crescente do mercado japonês de grãos, cerâmicas coreanas, algodão e linho. Logo, organizou diversas expedições no território coreano, entretanto, encontraram uma forte resistência coreana. Os

---

<sup>3</sup> “Ancestrais dos mongóis, que tinha fustigado os Tangs e fundaram uma dinastia, a de Liao, que controlou um vasto território que incluía boa parte do norte chinês no século 8.”(MACEDO, 2018, p.47).

<sup>4</sup> Templo/arquitetura budista.

japoneses são derrotados na Batalha naval de *Myeongnyang*, a guerra deixou a Coreia mais uma vez devastada, sendo depois atacada por manchus e mongóis novamente.

No século 19, ocorreram uma série de mudanças tanto no cenário nacional quanto no internacional. O leste asiático começou a ter um contato mais frequente com os ocidentais, houve a primeira Guerra do Ópio (1839-1842) entre o Reino Unido e o Império Chinês; a abertura dos portos japoneses forçados em 1854 para os Estados Unidos; e trocas de livros traduzidos sobre o catolicismo. A Coreia, em contraponto, era conhecida como “o reino eremita”. A península se encontrava isolada dos ocidentais, tanto diplomaticamente, quanto geograficamente, se encontrando entre o arquipélago japonês e o Império Chinês. Entretanto, a influência ocidental começa a aparecer a partir de mercadores e representantes coreanos na capital chinesa, trazendo para a Coreia ideias, livros e produtos ocidentais desde o século 18. Internamente, em 1785, foi proclamada uma lei de proibição do credo católico, visto que a sociedade coreana desse contexto ainda estava estruturada no confucionismo, pessoas da classe *yangban* passaram então a perseguir e matar convertidos católicos.

A partir desse contexto, o território coreano internamente teve diversos conflitos de ideias: os *yangbans* defendendo o conservadorismo, os valores confucianos de burocracia, privilégios e hierarquia; os populares insatisfeitos com a monarquia de Joseon, realizando revoltas; e os neoconfucianos, indignados com as práticas abusivas e corrompidas do passado, se voltam contra os *yangbans*. Externamente, a Coreia foi alvo de interesse dos ocidentais, mas obteve vitória contra franceses e americanos, reforçando a ideia de só se relacionar com o leste asiático. No Japão, a reforma Meiji com as influências ocidentais resultou no governo japonês exigindo novos acordos baseados no princípio de direito internacional.

Em 1874, o até então príncipe Gojong assumiu o poder e realizou algumas mudanças visando a modernização. Como estratégia contra o expansionismo japonês, o Império Chinês convenceu as potências ocidentais a estabelecerem relações diplomáticas com a Coreia e reconhecerem o reino como tributário dos chineses. Os ocidentais, por sua vez, só demonstraram interesse quando os chineses aceitaram a independência da soberania coreana, fazendo acordos e abrindo seus portos.

Dessa forma, nos fins do século 19 a sociedade coreana se dividiu em: anti-japoneses, antiocidentais e conservadores contra os que eram a favor de uma “abertura” coreana e de modernização. Essa divisão facilitou a entrada de tropas vizinhas para conter os conflitos. Em 1894, forças japonesas na capital coreana promovem um golpe de Estado, instalando um governo pró-japonês. Esse golpe resultou na instituição das Reformas Gabo, que visavam a

modernização, além da modificação da estrutura do governo, restringindo o poder real. Tais modificações seriam apenas a ponta do iceberg para o que viria a seguir.

O Japão assinou acordos navais com os britânicos, que reconheceram o interesse japonês na península coreana. Em 1904, as forças japonesas intimidaram o governo coreano a renunciar sua condição de independência e a aceitar o controle japonês. Após a vitória contra a Rússia, o Japão ganhou visibilidade internacional, resultando em acordos importantes, entre eles, o Acordo Taft-Katsura, que reconheceu mutuamente o domínio japonês na Coreia e dos Estados Unidos nas Filipinas. Com o caminho aberto, o Japão assumiu controle da Coreia, “assim, o império coreano, com mais de quatro mil anos de tradição, e quinhentos anos de dinastia, teve seu termo efetivo nas mãos japonesas”(MACEDO, 2018, p.114).

Em 1910, foi assinado o Tratado de Anexação, e a dinastia *Joseon* chegou ao fim. O governador-geral agora teve poderes coloniais na Coreia, iniciando um tempo sombrio e muito triste para o povo coreano, que foi subjugado e discriminado pelos japoneses. Atividades políticas, exercício livre de expressão, celebrações coreanas foram proibidas. Entretanto, é importante destacar que houve bastante resistência do povo coreano à dominação japonesa, missionários católicos denunciavam os abusos aos direitos humanos e a opressão, o movimento comunista coreano se organizou a partir da mensagem de Lênin sobre o internacionalismo do comunismo.

Em 1919, 33 líderes religiosos se uniram para ler a Declaração de Independência, ato que teve grande significação mobilizando dois milhões de coreanos. Entretanto, após a mobilização, cerca de 7500 pessoas morreram, 15 mil foram feridas e mais de 46 mil presas e torturadas. As autoridades japonesas agiram de maneira brutal, mas não foi condenado pelas potências ocidentais por seu papel na Primeira Guerra Mundial.

A resistência coreana passou a organizar movimentos de independência e de regimes republicanos. Criaram o Governo Provisório da República da Coreia, sediada em Xangai. Comunistas e nacionalista se juntaram e criaram uma frente unificada em defesa da independência coreana, sendo perseguidos pelo governo japonês. As atividades comunistas continuaram apenas no exterior.

Com a Crise de 1929 e a ascensão do facismo, o Japão começou a ter interesse na China também, controlando boa parte do norte e da costa chinesa. No interior chinês, guerrilhas do Partido Comunista Chinês começaram a se organizar e a ganhar força. Na Manchúria, o Partido Comunista Chinês organizou uma unidade de exército rebeldes anti-japoneses, entre eles estava *Kim Il Sung*, futuro presidente da Coreia do Norte, que se tornou o maior líder de resistência aos japoneses no norte coreano, invadindo o território

coreano ao sul do rio Yalu, após isso, ele foi para o território russo e começou a ser treinado pelo Comando Oriental do Exército Vermelho Soviético.

Nomeado em 1939, o novo governador-geral *Minami Jiro* começou a implementar a política de assimilação, “ele acreditava que poderia abolir a identidade coreana a mobilizar seus esforços militares para o império japonês” (MACEDO, 2018, p.126). Os coreanos sofreram muito nas mãos dos japoneses, sua identidade estava em jogo, queriam apagá-la de toda forma, começaram a proibir o *hangul* e a “incentivar” o uso do idioma japonês, foram obrigados a trocar seus sobrenomes coreanos para sobrenomes japoneses, insultando a tradição confucionista de cultuar os ancestrais familiares, mulheres coreanas foram levadas à força e enganadas para casas de “conforto” onde eram constantemente exploradas sexualmente pelas tropas japonesas.

Com o fim da Segunda Guerra, o Japão perdeu o poder sobre a Coreia e os coreanos se animaram em pensar uma Coreia independente e finalmente livre. Os comunistas coreanos se reagruparam e declararam a República Popular da Coreia no norte do país e organizou-se um comitê com lideranças de diversas ideologias no país inteiro. Entretanto, os aliados não obtiveram consenso sobre o futuro da Coreia e, sem convidar nenhum representante coreano, “dividiram” a presença soviética e estadunidense ao longo do paralelo 38 como fronteira de ocupação. Além disso, os estadunidenses ignoraram o Governo Provisório da República da Coreia criado em Xangai e que buscava reivindicar o poder, e o general estadunidense Douglas MacArthur deixou claro que a parte sul da Coreia estaria submetida a sua autoridade, mantendo a estrutura colonial japonesa do governo geral assim como suas duras leis. Nesse ponto, percebemos que a ideia de que os estadunidenses trouxeram “liberdade” ao povo coreano é totalmente falsa, trocou-se uma dominação por outra, o que desanimou muito os coreanos que almejavam uma Coreia independente.

No norte, os russos apoiaram a figura de *Kim Il Sung*, que teve seu rival comunista “misteriosamente” morto. *Kim Il Sung* foi nomeado chefe do Partido Comunista Coreano sem se consultar com os comunistas do sul. Em 1945, foi decidido que as potências estadunidense e soviética ficariam com a tutela da Coreia por um período de cinco anos. No norte, *Kim* promoveu uma reforma agrária e cerca de 1,5 a 2 milhões de pessoas atravessaram a fronteira para o sul coreano. O norte coreano não tinha espaço para outros partidos nem para dissidências comunistas, *Kim* autoritariamente fechou e centralizou o cenário político norte coreano, criando o Partido dos Trabalhadores da Coreia do Norte, independente dos comunistas estrangeiros e dos sul-coreanos.

No sul, os comunistas fracassaram e tiveram que viver clandestinamente. Os estadunidenses apoiaram, com relutância, *Syngman Rhee*, líder nacionalista coreano que considerava a coalização da Coreia e que via a parte sul no controle dos aliados. A Coreia como um todo sofreu uma grande crise econômica por conta da brutal retirada de capital e gestão nipônica.

Em 1947, realizou-se a Assembléia Geral da ONU que adotou a resolução 112, em busca de eleições gerais para uma Assembléia Nacional. As autoridades do norte não aceitaram essa resolução e criaram um exército próprio. No sul, algumas lideranças passaram a boicotar as eleições e não aceitavam a divisão da península. Entretanto, as eleições sul-coreanas foram consideradas válidas e *Syngman Rhee* foi eleito presidente do novo governo sul-coreano. No norte, realizou-se eleições e não tinham muitas opções além dos candidatos recomendados pelo partido comunista local. *Kim Il Sung* vence e proclama a República Popular Democrática da Coreia, fraturando oficialmente a Coreia em dois lados.

Entretanto, a paz estava longe de acontecer para os coreanos. Em 1949, os comunistas do sul e do norte formaram uma frente unificada defendendo a unificação nacional. Entretanto, essa frente fracassa, e *Kim Il Sung* se junta principalmente com *Mao Zedong* que ascendeu ao poder na China, objetivando uma ofensiva contra o sul. A URSS apoiou mas se manteve longe militarmente, ao contrário de *Mao Zedong* que disponibilizou 41 mil tropas.

Em 1950, a Guerra da Coreia começa, chamada pelos norte-coreanos de Guerra de Libertação do Sul. Os EUA responderam ao ataque norte-coreano com uma resolução da ONU que despachou forças estadunidenses e de 16 países membros da ONU. A capital sul-coreana foi recuperada e a ofensiva se tornou do sul para o norte. Entretanto, os norte-coreanos conseguiram resistir com o apoio de *Mao Zedong*. A guerra durou 3 anos, quando os dois lados assinaram um armistício em 1953. A guerra custou numerosas vidas, cerca de 2.720.000 de pessoas foram mortas ou desapareceram. As Famílias foram separadas pelas fronteiras e um território cheio de história e cultura que se dividiu ao meio até os dias atuais.

A História coreana se mostra como um campo bem complexo de ideologias, conflitos, invasões e bastante sofrimento. Após o terrível período de colonização e opressão japonesa, os coreanos continuaram sem voz e sendo forçados a viver conforme as potências da Guerra Fria determinassem e a fraturar seu território formado a milhares de anos.

### 1.3 A Reconstrução

A partir de agora, deixaremos o lado norte um pouco de lado e foquemos no lado sul, objeto desta pesquisa. *Syngman Rhee*, primeiro presidente da Coreia do Sul, viveu e se formou nos Estados Unidos, era um grande admirador do sistema estadunidense e queria replicar na Coreia do Sul, além disso, a economia e a política sul-coreana foi bastante impactada:

Com a crise da Guerra Mundial e a Guerra da Coreia, a elite sul-coreana também se viu destituída de qualquer perspectiva de emprego e ocupação numa economia em ruínas, mesmo aqueles egressos das universidades e faculdades. O governo militar americano, após 1945, tentou fornecer ajuda para a reconstrução da economia sul-coreana, mas **boa parte dos investimentos foram para áreas militares e Forças Armadas**. Isso tudo resultou numa sociedade de crise, desempregada, politicamente volúvel, sem tradição democrática, e com **proeminência dos setores militares**. (MACEDO, 2018, p.150) (grifos nossos)

A partir disso, se formou uma tendência autoritária e militarista no governo sul-coreano. *Syngman Rhee* começou a apresentar a tendência autoritária oprimindo seus opositores com a Lei de Segurança Nacional, sendo acusado de intimidação eleitoral, principalmente pela morte prematura de seu rival nas eleições presidenciais de 1960. Rhee então renunciou e a Assembleia Nacional da Coreia do Sul promulgou uma nova constituição. *Chang Myon* foi eleito pelo parlamento, enquanto isso manifestantes faziam clamores para a unificação coreana, isso junto com o desemprego foi visto como pretexto para os militares tomar o poder, dando início ao momento ditatorial na Coreia do Sul, através de um golpe de Estado em 1961 liderado por *Park Chung-Hee*. Os militares transmitiram seus objetivos para a nação, entre eles, anticomunismo, combater a corrupção, reconstruir a economia e a promessa de retorno ao governo civil posteriormente.

Os ministérios do novo governo foram preenchidos por militares, intelectuais e políticos de esquerda foram presos, tudo isso com o apoio do governo dos EUA. Em 1962, foi adotada uma nova constituição que centralizava mais ainda o poder, assim, *Park Chung-Hee* inaugurou a Terceira República. Logo, planejaram planos econômicos para recuperar a economia, precisando de capital estrangeiro para impulsionar a modernização da economia.

Em 1965, foram mandados cerca de 300 mil soldados sul-coreanos para apoiar os Estados Unidos na Guerra do Vietnã, em troca, Washington prometeu modernizar o meio industrial e militar sul-coreano. Assim, a economia sul-coreana estará mais ainda ligada com o militarismo:

A Guerra do Vietnã, os empréstimos japoneses e americanos asseguraram os investimentos industriais para o Segundo Plano Quinquenal (1967-1971), juntamente com a poupança nacional. Graças ao crescimento econômico, Park venceu novamente as eleições presidenciais em maio de 1967 sobre seu rival, Yun Posun. Sob sua liderança autoritária e desenvolvimentista, a Coreia do Sul passou a se transformar numa economia moderna, com intenso uso de mão-de-obra que reduziu o desemprego e com o uso gerencial de burocratas conjugado com a classe empresarial industrial. (MACEDO, 2018, p.157)

Dessa forma, a economia sul-coreana foi se construindo aliada a pouca participação popular e com relações militaristas. Em 1971, *Park Chung-Hee* se elegeu novamente, com o apoio de *Chaebols* na sua campanha eleitoral, o Serviço Nacional de Inteligência passou a investigar e intimidar os empresários que não apoiassem *Park*. Centralizou-se ainda mais no poder e proibiu críticas ao seu regime. Em 1972, *Park Chung-Hee* suspendeu a constituição sul-coreana e declarou lei marcial e dispersou a Assembleia Nacional. O poder presidencial foi ainda mais maximizado, *Park* começou a ter a autoridade de dissolver o parlamento, nomear um terço dos legisladores e o presidente seria eleito indiretamente por delegados distritais pelo país.

Houveram mais tentativas de unificação que acabaram fracassando, além de haverem ameaças dos dois lados. Para piorar a situação, um agente norte-coreano tentou assassinar o presidente *Park* em 1974. Em 1978, *Park* é assassinado pelo diretor do Serviço Nacional de Inteligência, demonstrando o desgaste e a impopularidade de sua forma de governo. É alegado que a Coreia do Sul para *Park* foi uma empresa, onde 51% das ações empresariais pertenciam a ele.

Em 1979 ocorreu um segundo golpe de Estado por militares aliados a *Chun Doo-Hwan*, em contra ponto, em 1980 houve uma grande manifestação de estudantes pela democracia em Seul, mas depois manifestações foram proibidas e os opositores políticos presos. Cerca de 606 pessoas foram mortas em outra manifestação em *Gwangju*, 37 mil tropas estadunidenses estavam no território sul-coreano mas não fizeram nada para conter a violência militar sul-coreana. Enquanto esse terror aconteceu, foi defendido que os Jogos Olímpicos fossem sediados em Seul em 1988.

A indústria sul-coreana desenvolveu-se no setor automobilístico, naval e eletrônico. Em 1986, o primeiro carro sul-coreano a ser produzido em massa surgiu, o Hyundai Excel. Em 1987 o PIB sul-coreano atingiu a marca de US\$ 1,284 trilhões. Entretanto, a desigualdade econômica se mostrava considerável, entre o meio urbano e rural, resultando em mais protestos e movimentos sindicais.

Ainda em 1987, um estudante sul-coreano morreu por tortura policial, resultando em uma grande manifestação. No fim do ano o presidente cede e aceita eleições presidenciais diretas, entretanto, o seu previsto sucessor e militar, *Roh Tae-Woo* acaba vencendo. Apenas em 1992, a Coreia do Sul teve seu primeiro presidente civil, que passou a investir na democratização do país.

Nos anos 90, a Coreia do Sul passou a sofrer pressões globais para abrir seu mercado, e o presidente *Kim Young-Sam* reformou práticas bancárias adotando um sistema de transações em tempo real para dar maior transparência financeira. Em 1996, a Coreia do Sul foi admitida no grupo Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A sociedade coreana enfrentaria novas mudanças, com a intensificação do discurso neoliberal:

Com isso, em meados da década de 1990, os chaebols se tornaram agressivos ao pedir a retirada do Estado da gestão econômica. Muitos dos "proprietários" e os principais gerentes das principais chaebols fizeram pronunciamentos públicos contra a intervenção do Estado em todas as oportunidades concebíveis. Os chaebols também criaram um instituto de pesquisa pequeno, mas extremamente bem financiado, o Korea Centre for Free Enterprise, que produziu vários documentos com forte conteúdo neoliberal, enquanto traduzia toda uma série de obras clássicas na tradição neoliberal e convidando pensadores neoliberais americanos de renome para dar palestras de alto perfil na Coreia em defesa de reformas estruturais de mais abertura e redução do papel do estado no país. (MOREIRA; BASTOS, 2023, p.49)

De início, tentou-se evitar o neoliberalismo “radical” de experiências latino-americanas, alinhando-se aos interesses de acumulação de capital dos *chaebols*, dividindo a mentalidade da política entre desenvolvimentista e liberal. Em 1997, ocorreu uma crise econômica devido ao excesso de capacidade de produção e redução das receitas de exportação. De acordo com Moreira e Bastos (2023), a principal origem da crise foi “o processo de abertura desordenado da conta de capital e financeira, além do abandono da coordenação da política industrial”(p.53). Após a crise, tentou-se retornar à tradição desenvolvimentista do Estado com maior intervenção, mas a economia sul-coreana já possuía traços neoliberais. A propriedade estrangeira de bancos e indústrias sul-coreanas aumentou consideravelmente.

### 1.3.1 Desigualdade e adoecimento

Toda essa contextualização feita neste capítulo serviu para analisarmos desde a formação da unidade coreana até a contemporaneidade, refletindo sobre o papel que o capitalismo estadunidense teve na península coreana. Apoiou inicialmente o Japão a invadir a Coreia em troca do apoio nipônico para a presença estadunidense nas Filipinas, com o Acordo Taft-Katsura; se disponibilizou como “mediador da paz” na Guerra da Coreia mas contribuiu com a divisão da península e não apoiou o Governo Provisório da Coreia mesmo após o fim da colonização japonesa; ignorou as opressões e o autoritarismo na Coreia do Sul durante o período ditatorial mesmo com milhares de tropas estadunidenses no país; e, por fim, pressionou a abertura do mercado sul-coreano, introduzindo o capitalismo financeiro junto ao neoliberalismo na sociedade sul-coreana.

A última razão citada é o principal objeto desta pesquisa, pensar como a sociedade sul-coreana adoece com o sistema capitalista e com o projeto neoliberal:

A combinação do fim da ditadura militar em 1987 e a plena implementação das táticas de governo neoliberais após a crise financeira asiática consolidou o capital financeiro como uma força capitalista dominante [...]; tornando precários os mercados de trabalho/educação e a força de trabalho [...]; colocando o fardo sobre o indivíduo e fornecendo pouca proteção social [...]; produzindo assim extrema polarização e desigualdade social. (SONG, 2010, p.2) (tradução: google)<sup>5</sup>

A antropóloga *Jesook Song* (2010) argumenta que, para analisar o neoliberalismo no contexto específico sul-coreano, é preciso levar em consideração que foi um país industrializado tardiamente e que teve um boom muito rápido. Ela afirma que o neoliberalismo sul-coreano emergiu num contexto de lutas entre o estado militar desenvolvimentista e um corpo social anti-estado.

*Kwang-Yeong Shin* (2010), socióloga sul-coreana, contribui com o pensamento de Song, refletindo como a globalização contribuiu para a desigualdade social sul-coreana. Com a liberalização do mercado financeiro, a desregulamentação do comércio internacional e o aumento da flexibilidade do mercado de trabalho, a Coreia do Sul entra no sistema econômico global. Para ela, a globalização na Coreia do Sul é distinta em dois pontos:

Primeiro, a Coreia experimentou uma globalização neoliberal abrupta por meio da crise da economia nacional desencadeada pelo colapso do setor financeiro em dezembro de 1997, como parte da crise financeira asiática. A crise financeira acelerou a abertura do mercado doméstico a investidores internacionais e empresas

---

<sup>5</sup> Versão original: The combination of the end of the military dictatorship in 1987 and the full implementation of neoliberal governing tactics following the Asian financial crisis consolidated financial capital as a dominant capitalist force [...]; rendering job/education markets and labor power precarious [...]; putting the burden on the individual, and providing little social protection [...]; thus producing extreme polarization and social inequality.

estrangeiras. O governo coreano realizou extensas reformas econômicas neoliberais durante a crise financeira sob a orientação do FMI e do Banco Mundial, mercado financeiro doméstico e privatização do setor público. Em segundo lugar, a globalização ocorreu durante a transição democrática. O governo democrático recém-formado realizou reformas econômicas neoliberais que afetaram imediatamente o bem-estar econômico das pessoas – aumentando a desigualdade econômica e aumentando a pobreza – e minaram a base social do novo governo.(SHIN, 2010, p.11) (tradução: google)<sup>6</sup>

Logo, fazendo com que a sociedade sul-coreana visse a democracia recém conquistada de forma não muito positiva, já que o apoio do Partido Democrata a reformas neoliberais trouxe consequências relacionadas à distribuição de renda. Com a crise de 1997, o governo sul-coreano exigiu um empréstimo de resgate do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, como troca do apoio financeiro foram exigidas que o governo sul-coreano fizesse reformas do setor financeiro e da governança corporativa, privatizasse o setor público e aumentasse a flexibilidade do mercado de trabalho, tudo isso sobre o princípio do neoliberalismo associado ao Consenso de Washington. Além disso, foi exigido que o governo sul-coreano construísse um sistema de seguridade social para conter a tensão social devido às demissões em massa e o aumento da pobreza. Entretanto, *Shin* (2010) argumenta que essa rede de segurança social objetivava um sistema de bem-estar residual e mínimo, não garantindo direitos de bem-estar social de fato:

O impacto imediato das reformas neoliberais foram as demissões em massa, incluindo aposentadoria antecipada involuntária e um aumento drástico de trabalhadores casuais ou contingentes, como trabalhadores de meio período, trabalhadores despachados e trabalhadores contratados. Embora a proporção de trabalhadores irregulares na Coreia já fosse muito maior do que em outros países da OCDE, o número de trabalhadores não regulares aumentou de 43,8% em março de 1997 para 53% em dezembro de 1999. (p.17) (tradução:google)<sup>7</sup>

Dessa forma, desenvolveu-se um sistema de flexibilização do trabalho na Coreia do Sul, impactando salários, horários de trabalho e menos direitos a assistências ou benefícios sociais como seguro-desemprego e seguro de acidentes de trabalho. Logo:

---

<sup>6</sup> Versão original: First, Korea experienced abrupt neoliberal globalization through the crisis of the national economy triggered by the collapse of the financial sector in December 1997, as part of the Asian financial crisis. The financial crisis accelerated the opening of the domestic market to international investors and foreign companies. The Korean government carried out extensive neoliberal economic reforms during the financial crisis under the guidance of the IMF and the World Bank, fully liberalizing the domestic financial market and privatizing the public sector.

<sup>7</sup> Versão original: The immediate impact of neoliberal reforms was mass layoffs, including involuntary early retirement and a drastic increase in casual or contingent workers such as part-time workers, dispatched workers, and contract workers. While the proportion of irregular workers in Korea was already much higher than in other OECD countries, the number of non-regular workers increased from 43.8 percent in March 1997 to 53 percent in December 1999.

Embora o governo democrático tenha conseguido democratizar a arena política, ele falhou em coordenar a economia de mercado para proteger o sustento básico do povo e construir a cidadania social. Os dois governos democráticos traíram as esperanças e expectativas dos eleitores, que esperavam que o novo governo promovesse a democracia política, bem como a segurança econômica e social. (SHIN, 2010, p.24) (tradução:google)<sup>8</sup>

Dessa forma, podemos ver o impacto que uma economia excludente pode causar até mesmo em um país dito “democrático”. Esse ponto é essencial para refletirmos se a Coreia do Sul, um território e um povo que passou milhares de anos sedentos pela sua liberdade, conseguiu se libertar com um país democrático mas com a base econômica do neoliberalismo. Assim:

A experiência coreana também mostra que a globalização neoliberal desenfreada pode colocar em risco uma nova democracia quando o governo do povo for substituído pelo domínio do capital nacional ou transnacional. Precisamos de uma nova democracia global ou de uma globalização justa para promover a democracia política e a responsabilidade econômica dos governos nacionais e das instituições financeiras internacionais. Como muitos (ver, entre outros, Patomäki 2006; Stiglitz 2006) argumentaram que o déficit democrático das instituições internacionais deve ser remediado de modo a fortalecer as novas democracias e democratizar a própria globalização. (SHIN, 2010, p.25) (tradução: google)<sup>9</sup>

Dessa forma, podemos concluir que a Coreia do Sul ainda está longe de possuir uma democracia que dê assistência aos seus cidadãos devido ao grave quadro de desigualdade social e as formas de trabalho flexíveis que retiram direitos essenciais para a vida da população. Além disso, o neoliberalismo contribuiu para a competitividade acelerada entre a própria população, tal competitividade motivada justamente pelo capitalismo financeiro.

A Coreia do Sul possui uma taxa alarmante de suicídio de 36 pessoas por dia, em 2021, 13.352 pessoas tiraram suas próprias vidas, sendo o suicídio a causa mais comum de

---

<sup>8</sup> Versão original: Although the democratic government succeeded in democratizing the political arena, it failed to coordinate the market economy to protect the basic livelihood of the people and to build social citizenship. The two democratic governments betrayed the hopes and expectations of voters, who expected the new government to promote political democracy as well as economic and social security.

<sup>9</sup> Versão original: The Korean experience of neoliberal globalization reveals that political democratization is shaky without economic reform that guarantees economic prosperity and social security for the masses. Democratic consolidation is not only a political issue but an economic issue in the sense that a new democracy requires economic bases that contribute to reinforcing the loyalty of the pro-democracy voters. Voters who supported the progressive democratic party in 2002 have been disappointed by the democratic government and some of them have shifted their support to the conservative party, with its authoritarian legacy. The Korean experience also shows that unbridled neoliberal globalization might endanger a new democracy when the rule of the people is replaced by the rule of national or transnational capital. We need a new global democracy or fair globalization in order to promote political democracy and economic responsibility of national governments and international financial institutions. As many (see, among others, Patomäki 2006; Stiglitz 2006) have argued, the democratic deficit of the international institutions should be remedied so as to strengthen new democracies and to democratize globalization itself.

morte entre a população sul-coreana com idades entre 10 e 39 anos.<sup>10</sup> Esses dados alarmantes se mostram como aspectos importantes para analisarmos a sociedade sul-coreana e o cansaço mental que grande parte da população sofre. Economia e saúde mental andam juntas e precisam ser concebidas como aspectos que se interligam.

---

<sup>10</sup> Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4n4gjxr0e3o>

## CAPÍTULO 2: NEOLIBERALISMO E SOFRIMENTO PSÍQUICO

O século XXI se desenvolve cada vez mais a partir de *coaches*, influenciadores digitais e “empreendedores” que pregam o projeto neoliberal como uma realidade capaz de fazer o indivíduo crescer se ele se esforçar, ser produtivo, ter disciplina, ter motivação e buscar sempre o melhoramento de si. Absortos na sociedade capitalista atual, os indivíduos tendem a acreditar que podem competir com pessoas privilegiadas se eles conseguirem ter o *mindset*<sup>11</sup> certo. Logo, acredita-se que a mente pode ser melhorada para atender aos requisitos de produção necessários ao sistema capitalista. Entretanto, pouco se fala sobre o sofrimento psíquico que isso gera nas pessoas, aspecto que será abordado no presente capítulo.

O sociólogo Christian Laval e o filósofo Pierre Dardot abordam em sua obra “Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal” (2016) o neoliberalismo e o homem novo, considerando o neoliberalismo como uma lógica política normativa, conduzida não só pela expansão dos mercados, mas também pelo intervencionismo governamental, afirmando que ele não afeta apenas a esfera econômica, mas a social também. Eles compreendem o sistema neoliberal como uma racionalidade capitalista que considera que todas as relações sociais e humanas devem ser regidas pelo princípio da concorrência, analisando também a teoria do Capital Humano de Foucault:

Daí o trabalho “pedagógico” que se deve fazer para que cada indivíduo se considere detentor de um “capital humano” que ele deve fazer frutificar, daí a instauração de dispositivos que são destinados a “ativar” os indivíduos, obrigando-os a cuidar de si mesmos, educar-se, encontrar um emprego. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.227).

Se cada um é um capital, é preciso acumular valor, e o Estado como agente ativo vai fazer que os próprios indivíduos adotem a nova subjetividade da sociedade capitalista. Demonstrando, também, o quanto este sistema adentra a subjetividade do sujeito, tornando da esfera social uma esfera econômica.

---

<sup>11</sup> Tradução do inglês: Configuração da mente  
É uma habilidade que pode ser desenvolvida, adaptando o indivíduo, suas ações e reações ao contexto. Fonte: FIA Business School.

Segundo os autores, “o neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência.”(LAVAL; DARDOT, 2016, p.15). Logo, o neoliberalismo transformou o capitalismo e a própria sociedade, a partir dos anos 1930 com o Colóquio Walter Lippman e principalmente após os anos 1980 com a adoção do princípio neoliberal por grande parte do globo. Diferente do liberalismo clássico e do capitalismo fordista, o capitalismo neoliberal não se baseia em determinadas leis naturais e determinados limites ao governo político, mas em fazer do mercado um princípio do governo de si e dos homens.

Dessa forma, como um princípio ocidental entraria em sociedades orientais e com grandes influências do confucionismo? Os autores não citam diretamente esse aspecto no oriente, mas apontam para a globalização e a mercantilização em todo o mundo, incluindo não apenas a sociedade ocidental, mas todas as sociedades que buscam a “modernidade”:

O sistema neoliberal é instaurado por forças e poderes que se apoiam uns nos outros em nível nacional e internacional. Oligarquias burocráticas e políticas, multinacionais, atores financeiros e grandes organismos econômicos internacionais formam uma coalizção de poderes concretos que exercem certa função política em escala mundial. (LAVAL; DARDOT, 2016, pp.8-9)

Além disso, os autores defendem que o neoliberalismo produz toda uma norma que especifica maneiras de viver, de relações sociais e de subjetividades, da própria forma que o sujeito vê a si mesmo. A empresa e a concorrência viram modelos a serem seguidos. A governamentalidade neoliberal, ou seja, a mentalidade de governo, não se trata de um governo específico, mas da própria formação de condutas neoliberais do governo de si. Nessa perspectiva, não se trata apenas de analisar o neoliberalismo em ditaduras ou governos autoritários como os de Margaret Thatcher e Ronald Reagan, mas compreender como ele conseguiu adentrar em sistemas ditos “democráticos” e até mesmo da esquerda moderna:

O questionamento da democracia toma caminhos diversos, que nem sempre têm a ver com a “terapia de choque”, mas, sim, e sobretudo, com o que Wendy Brown chamou, com justiça, de processo de “desdemocratização”, que consiste em esvaziar a democracia de sua substância sem a extinguir formalmente. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.18).

A partir disso, o capitalismo não vai mais ser culpabilizado pelas mazelas sociais, mas sim o Estado.

Mais ainda, houve uma reviravolta na crítica social: até os anos 1970, desemprego, desigualdades sociais, inflação e alienação eram “patologias sociais” atribuídas ao capitalismo; a partir dos anos 1980, os mesmos males foram sistematicamente atribuídos ao Estado. O capitalismo deixou de ser o problema e se tornou a solução universal. Essa era a mensagem das obras de Friedman a partir dos anos 1960. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.204)

Com os discursos trazidos pelos intelectuais do projeto neoliberal, como Friedman e outros, o Estado dito burocrático vai ser visto como destruidor de virtudes como “honestidade, o sentido do trabalho bem feito, o esforço pessoal, a civilidade, o patriotismo” (LAVAL; DARDOT, 2016, p.205). A ajuda social do governo prejudicaria o trabalho e deixaria o pobre “ocioso”, a privatização de empresas públicas faria com que o patrimônio fosse mais valorizado e exigente. Logo, o indivíduo torna-se o único responsável por seu destino e deve constantemente mostrar seu valor para a sociedade. Além disso, argumenta-se que o governo neoliberal traz consigo mais “liberdade” de escolha, entretanto, os autores enfocam que tal “liberdade” possui uma dimensão normativa:

Essa lógica que consiste em dirigir indiretamente a conduta é o horizonte das estratégias neoliberais de promoção da “liberdade de escolher”. Nem sempre distinguimos a dimensão normativa que necessariamente lhes pertence: a “liberdade de escolher” identifica-se com a obrigação de obedecer a uma conduta maximizadora dentro de um quadro legal, institucional, regulamentar, arquitetural, relacional, que deve ser construído para que o indivíduo escolha “com toda a liberdade” o que deve obrigatoriamente escolher para seu próprio interesse. O segredo da arte do poder, dizia Bentham, é agir de modo que o indivíduo busque seu interesse como se fosse seu dever, e vice-versa. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.211)

A estratégia [54] neoliberal consistirá, então, em criar o maior número possível de situações de mercado, isto é, organizar por diversos meios (privatização, criação de concorrência dos serviços públicos, “mercadorização” de escola e hospital, solvência pela dívida privada) a “obrigação de escolher” para que os indivíduos aceitem a situação de mercado tal como lhes é imposta como “realidade”, isto é, como única “regra do jogo”, e assim incorporem a necessidade de realizar um cálculo de interesse individual se não quiserem perder “no jogo” e, mais ainda, se quiserem valorizar seu capital pessoal num universo em que a acumulação parece ser a lei geral da vida. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.212)

Dessa forma, desenvolve-se dispositivos de recompensas e punições para guiar as escolhas do indivíduo. A flexibilidade dos trabalhos e as incertezas e riscos de desemprego deixam o sujeito nas mãos da máquina do desempenho e da autodisciplina:

Assim, o gestor tenta captar as energias individuais, não de acordo com uma lógica “artista” ou “hedonista”, mas segundo um regime de autodisciplina que manipula as instâncias psíquicas de desejo e culpa. Trata-se de mobilizar a aspiração à “realização pessoal” a serviço da empresa, transferindo exclusivamente para o indivíduo, contudo, a responsabilidade pelo cumprimento dos objetivos. O que,

evidentemente, tem um alto custo psíquico para os indivíduos. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.223)

Ao transformar a sociedade em uma empresa e os sujeitos nela inseridos em pequenas empresas, um novo homem é formado, um homem competitivo e inteiramente imerso na competição e no desempenho. A racionalidade neoliberal produz o sujeito ordenando os meios de governá-lo para que ele mesmo se conduza (Ibid, 2016, p.323). A responsabilidade dos fracassos ou sucessos é dada ao próprio indivíduo:

Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal. Foi Margaret Thatcher quem deu a formulação mais clara dessa racionalidade: “Economics are the method. The object is to change the soul” [A economia é o método. O objetivo é mudar a alma] [8]. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.325)

Ao influenciar as maneiras do indivíduo viver, o neoliberalismo afeta também a maneira que o indivíduo se relaciona com ele mesmo. Toda atividade é vista como empresarial, até as relações sociais.

Todos os domínios da vida individual tornam-se potencialmente “recursos” indiretos para a empresa, já que são uma oportunidade para o indivíduo melhorar seu desempenho pessoal; todos os domínios da existência são da competência da gestão de si. Portanto, toda a subjetividade, e não apenas o “homem no trabalho”, é convocada para esse modo de gestão, mais ainda na medida em que a empresa seleciona e avalia de acordo com critérios cada vez mais “pessoais”, físicos, estéticos, relacionais e comportamentais. (LAVAL; DARDOT, 2016, p.338)

Em consonância com os autores abordados, Safatle, Júnior e Dunker abordam em “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” (2021) a forma que esse modelo de sujeito como empresa afeta-o psiquicamente. Os autores refletem sobre o neoliberalismo e o sofrimento psíquico, analisando o quanto a saúde mental é afetada num meio de constante busca pela produtividade, discutindo o sentimento de inutilidade, visto que a qualquer momento o sujeito pode ser substituído, fazendo com que o indivíduo extraia o máximo de si, constantemente testando, avaliando e comparando-se. Logo, todos esses efeitos resultam num esgotamento mental, na incapacidade de sentir prazer, no aceleração, na ansiedade, na busca por estar sempre à frente de seu próprio tempo. Portanto, compreendendo o neoliberalismo como criador de uma anomia, onde posteriormente ele também busca vender a solução, que é a constante venda de medicamentos que controlem o sistema nervoso.

Com a queda da instância dominadora, acredita-se que o indivíduo consegue fazer seus próprios horários, é independente de outros e tende a crescer se se dedicar, enfim, possuir liberdade de escolha. Entretanto, essa “liberdade” de escolha se apresenta como coação à auto exploração, visto que a força performativa disciplinadora adentra a subjetividade. O sujeito busca o aprimoramento de si como uma propriedade a ser desenvolvida, como uma empresa a ser administrada. Logo, ao adentrar na subjetividade, os próprios valores do indivíduo, junto a forma que ele enxerga a si e aos outros, tendem a serem influenciados pela norma neoliberal:

Podemos falar em “instauração” porque a força do neoliberalismo é performativa. Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideais, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos, e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento. **Ela recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios.** (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, pp.9-10). (grifos nossos)

Os autores citados defendem que o neoliberalismo, ao mesmo tempo que gera o sofrimento psíquico, também o gerencia. Gera por conta da autoexploração e gerencia quando descobre no sofrimento psíquico a maximização do trabalho, o trabalhador ansioso está sempre tentando ficar à frente de seu tempo, o trabalhador sem garantias e com empregos flexíveis e temporários está sempre tentando se manter no topo. Para eles, o sofrimento é utilizado pelo neoliberalismo como capital, como um produto. Todos os processos de gerenciamento e administração estão ensinando os sujeitos a produzirem sofrimento nos outros (um departamento contra o outro, antagonismos, ódio, individualizar a culpa pelo fracasso). Para transformar o sofrimento em capital é necessário operações de tradução do mal-estar (diferença, desigualdade, pobreza) para o sofrimento, e uma vez transformado em sofrimento, tem-se um subproduto chamado sintomas, o ponto de partida dos autores. Nessa perspectiva, desde o liberalismo clássico até o neoliberalismo, percebe-se a tendência de tratar processos econômicos servindo-se de termos psicológicos e morais:

Nesse sentido, podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos subjetivos de autorregulação. Eles não podem ser elucidados sem a gestão de uma psicologia que lhes é inerente. (SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p.30).

Os autores afirmam que a ideia de que o neoliberalismo prega menos intervenção estatal seja falsa, visto que ele é imposto pela própria força estatal. É nesse aspecto que a “despolitização” da sociedade aparece, visto que para que a liberdade da livre-iniciativa e do empreendedorismo pudesse se estabelecer, a luta de classes e os conflitos de regulação de questões sociais não deveriam existir. Ou seja, “tratava-se de passar do social ao psíquico e levar sujeitos a não se verem mais como portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performance, otimizadores de marcadores não problematizados.” (Ibid, p.22). Portanto, a liberdade de mercado só aconteceria se quem não acreditasse nela fosse calado.

Dessa forma, junto a essa intervenção, também entra o aspecto psicológico de transformação de predisposições psicológicas como generalização de princípios empresariais de “performance, de investimento, de rentabilidade, de posicionamento, para todos os meandros da vida. Dessa forma, a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos.” (Ibid, p.27). Ocorrendo a disseminação dos valores do mercado à política social e a outras instituições, toda uma sociedade seria gerenciada pelo modelo de empresa, são empresários de si mesmos.

Portanto, ao se manter nessa dinâmica neoliberal, o indivíduo absorve o discurso não apenas na esfera profissional, mas na esfera social também. Como já foi pontuado, a norma neoliberal influencia a forma que o sujeito vê a si próprio e os outros, portanto, aspectos da vida pessoal que não se relacionam diretamente com trabalho como família, amizades, relacionamentos e a própria forma que o sujeito se vê, também entram na dinâmica de gerenciamento e de empresa neoliberal. Logo, as interações sociais também viram, de certa forma, trabalho.

Assim, o trabalho e as relações sociais que não obtêm sucesso, podem desenvolver no sujeito o adoecimento psíquico envolvendo sentimentos de insuficiência:

A proibição moral advinda das exigências normativas de socialização dá lugar a uma situação de flexibilização das leis, de gestão da anomia que coloca as ações não mais sob o crivo da permissão social, mas sob o crivo individual do desempenho, da performance, da força relativa à capacidade de sustentar demandas de satisfação irrestrita. **Assim, o indivíduo é confrontado a uma patologia da insuficiência e da disfuncionalidade da ação, em vez de uma doença da proibição e da lei.** Se a neurose é um drama da culpabilidade, drama ligado ao conflito perpétuo entre duas normas de vida, drama que só pode ser tratado através da compreensão das contradições imanentes ao funcionamento “normal” da lei, a depressão aparece como tragédia implosiva da insuficiência e da inibição..(SAFATLE; JÚNIOR; DUNKER, 2020, p.39). (grifos nossos)

Contribuindo para esta análise, em “Sociedade do Cansaço” (2015), o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han afirma que não estamos mais na sociedade disciplinar de Foucault, com regras e normas ditas diretamente pelo Estado, através de punições ou castigos específicos. Na modernidade, estaríamos vivendo uma espécie de sociedade do desempenho, onde não haveria negatividade, apenas positividade. Dessa forma, na perspectiva do autor, a positivação do mundo faria surgir novas formas de violência, uma violência imanente ao sistema, de maneira que as doenças mentais seriam resultado desta positivação. Os sujeitos não seriam mais “sujeitos da obediência” de Foucault, mas sim sujeitos de desempenho e produção, empresários de si mesmos. O século XXI seria então caracterizado pelo poder ilimitado, iniciativa, motivação e, principalmente, produtividade:

O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. (HAN, 2017, pp.25-26).

O projeto neoliberal, tendo a característica de pretensa justeza moral, defende uma “liberdade” baseada na propriedade. A liberdade de compra e venda, de “empreender” e de ser seu “próprio” patrão. Entretanto, não é bem assim. As estruturas coercitivas geram a maximização de si na sociedade do desempenho, a autoavaliação e a superprodução em excesso faz com que a violência não seja disciplinar e externa, mas neuronal e interna. O sujeito do desempenho se vê obrigado a produzir a todo momento, o seu valor passa a ser definido de acordo com a sua produtividade. Nessa perspectiva, o próprio indivíduo se torna um tipo de empresa a ser gerida.

Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. **A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam.** Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. **O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração.** [...] **Essa autoreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência.** Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2015, pp.29-30). (grifos nossos)

Han (2015) ao afirmar que o século XXI não possui mais uma sociedade disciplinar de Foucault mas sim uma sociedade do desempenho, reflete sobre o excesso de positividade advindo da “liberdade” neoliberal.

A violência da positividade não pressupõe nenhuma inimizade. Desenvolve-se precisamente numa sociedade permissiva e pacificada. Por isso ela é mais invisível que uma violência viral. Habita o espaço livre de negatividade do igual, onde não se dá nenhuma polarização entre inimigo e amigo, interior e exterior ou entre o próprio e o estranho. (p.19)

Logo, o controle dos conflitos sociais pelo Estado e a violência da positividade andam juntas. O sujeito da sociedade do desempenho entra em guerra consigo mesmo, uma guerra internalizada. O excesso de positividade adoece ao ponto de expressar excessos de tudo, informação, produção, estímulos, entre outros. Ela não dá espaço para a contemplação, para o descanso restaurador, dando ao sujeito uma característica de máquina, e que gera o adoecimento.

O sofrimento psíquico aqui abordado também relaciona-se com a forma que a norma neoliberal adentra na subjetividade e modela não apenas a esfera do trabalho mas também a esfera social, tudo parece trabalho, de forma que nada é mais garantido ou concreto, mas flexível e sem garantia.

Precisamente frente à vida desnuda, que acabou tornando radicalmente transitória, reagimos com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção. Também o aceleração de hoje tem muito a ver com a carência de ser. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. [...] A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. (HAN, 2015, pp.46-47).

A problemática do cansaço trazida pelo autor distingue dois tipos de cansaço: o fundamental, que habilita o homem a um não fazer sereno; e o cansaço do esgotamento, que incapacita o sujeito de fazer qualquer coisa. O segundo, presente na sociedade do desempenho, individualiza e isola o indivíduo.

Nessa perspectiva, se tratando do caso específico sul coreano, o sociólogo sul-coreano *Dongjin Seo* analisa o discurso neoliberal na sociedade sul-coreana através de práticas autogestionárias como um constituinte da racionalidade política do neoliberalismo:

A autogestão está intrinsecamente misturada com a gestão de uma ampla gama de práticas no mundo e abrange novos sujeitos econômicos (por exemplo, trabalhadores flexíveis, ativos, auto-iniciadores e inovadores) e novos tipos de sujeitos políticos governáveis (cidadãos ativos e auto-responsáveis).(SEO, 2010, p.84) (tradução: google)<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Versão original: Self-managing is intrinsically intermingled with the management of a wide range of practices in the world, and embraces novel economic subjects (e.g. flexible, active, self-initiating, and innovative workers) and new types of governable political subjects (active and self-responsible citizens).

*Seo* argumenta que os discursos e as técnicas de autoempoderamento mudam, acompanhando a transformação dos domínios políticos, econômicos e sociais. Podemos entender, então, que discursos que impulsionam o indivíduo a tomar riscos, a desenvolver seu mindset, a se capacitar para aumentar as “competências de vida” e sua empregabilidade como uma forma de o neoliberalismo responsabilizar o indivíduo pelos riscos sociais, desemprego, pobreza. Ao responsabilizar o indivíduo, esses problemas não são mais do estado, mas sim do próprio indivíduo, que se autogerencia. O indivíduo, ao se ver como empreendedor de si mesmo, possui a ilusória sensação de liberdade, e de que pode controlar seu futuro mesmo em um contexto de desigualdade social avançada. De acordo com *Seo*:

A seção mais movimentada das livrarias coreanas nas décadas de 1980 e 1990 era a esquina do "autoaperfeiçoamento" (cha-gi-gye-bal) ou "autogestão" (cha-gi-kwal-li). Na década de 1990, esses livros predominavam nas listas de best-sellers a cada ano. Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes, de Steven Covey, foi um best-seller ao longo da década de 1990.2 Seu Diário Franklin suplementar, um planejador diário com o nome de Benjamin Franklin, tornou-se um requisito de toda pessoa de carreira. As pessoas correm para as lojas para comprar esses planejadores diários no final do ano. Muitas livrarias dedicam prateleiras inteiras a autores coreanos proeminentes na área de autoaperfeiçoamento, incluindo Gong Byung Ho, bem como a especialistas de renome mundial, como Tom Peters, Spencer Johnson, Peter Drucker, Kenneth Blanchard, Saito Shigeta e Nakajima Takashi, além do próprio Covey. (SEO, 2010, p.89) (tradução: google)<sup>13</sup>

Esses materiais neoliberais reforçam que todos podem ser gestores, estendendo a gestão para todas as esferas da vida, profissional, familiar, amorosa. Reforçando, assim, a ideia do ser humano como uma empresa a ser gerida:

Em resumo, a gestão refere-se a todas as atividades que indivíduos e organizações realizam para distribuir e reunir todos os recursos a fim de cumprir seu próprio objetivo. A gestão é aplicável a todas as coisas, recursos tangíveis ou intangíveis, que eles estão colocando para atingir certos fins. Portanto, a gestão não é apenas apropriada pelas empresas ... gestão é conhecimento do homem. (SEO apud GONG, 2010, p.90) (tradução: google)<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Versão Original: The busiest section of Korean bookstores in the 1980s and 1990s was the “selfimprovement” (cha-gi-gye-bal) or “self-management” (cha-gi-kwal-li) corner. In the 1990s, these books predominated on the bestseller lists each year. Steven Covey’s *The Seven Habits of Highly Effective People* was a bestseller throughout the 1990s.2 Its supplementary *Franklin Diary*, a daily planner named after Benjamin Franklin, has become a requisite of every career person. People rush to the stores to buy these daily planners at the end of the year. Many bookstores devote whole shelves to prominent Korean authors in the area of self-improvement, including Gong Byung Ho, as well as to world-renowned experts such as Tom Peters, Spencer Johnson, Peter Drucker, Kenneth Blanchard, Saito Shigeta, and Nakajima Takashi, in addition to Covey himself.

<sup>14</sup> Versão original: . In brief, management refers to all the activities that individuals and organizations undertake to distribute and assemble all resources in order to fulfill their own goal. Management is applicable to all things, tangible or intangible resources, that they are putting in to accomplish certain ends. Therefore, management is not just appropriated by business ... management is knowledge of man. (Gong 2001: 28; my emphases).

Seo ainda afirma que desde a década de 1990, termos como “gerente de um homem só” e “empreendedor” tornaram-se termos cada vez mais populares para denotar indivíduos autônomos na sociedade sul-coreana.

Como o objetivo dos discursos de autogestão de transformar e gerenciar o eu como uma empresa se torna possível? Como alguém pode delinear a própria vida, que é uma série de eventos e movimentos, em uma coisa administrável, corrigível e melhorável? Como sugerido acima, a autogestão é uma tecnologia prática e produtiva para produzir certos eus e gerar certas pessoas. É uma tecnologia no sentido de que envolve conhecimento especializado de como perceber, estimar, calcular, medir, avaliar, disciplinar e julgar a nós mesmos.(SEO, 2010, pp.92-93) (tradução: google)<sup>15</sup>

Se auto julgar ou autodisciplinar se torna perigoso no momento em que o indivíduo não consegue alcançar a felicidade ou a liberdade proposta por tais discursos. A sociedade sul-coreana é extremamente competitiva, estar fora das disputas ou excluído de formas de poder significa que o indivíduo fracassou, e esse fracasso pode levar ao cansaço de si.

---

<sup>15</sup> Versão original: How does the aim of self-management discourses to transform and manage the self as an enterprise become possible? How can one delineate one's life, which is a series of events and movements, into a manageable, correctable, improvable thing? As suggested above, self-management is a practical and productive technology to produce certain selves and generate certain people. It is a technology in the sense that it involves specialized knowledge of how to perceive, estimate, calculate, measure, evaluate, discipline, and judge our selves.

### CAPÍTULO 3: O CANSAÇO E A CRÍTICA SOCIAL EM MY LIBERATION NOTES (2022)

Lançado inicialmente em 9 de abril de 2022 pela *Joongang Tongyang Broadcasting Company* (JTBC), e depois comprada pela Netflix em 2 de julho de 2022, *My Liberation Notes* é um K-Drama que conta a história de três irmãos que saem todos os dias de *Sanpo*, interior da Coreia do Sul, para trabalhar, namorar e ver amigos em Seul, a capital. Entretanto, a rotina destes personagens é apresentada como bem exaustiva e desanimada, envolvendo sentimentos de inutilidade, cansaço, tristeza, desapontamentos, alcoolismo, entre outros. Logo, um dos pontos a serem analisados neste capítulo é justamente como a roteirista e o diretor conseguem transmitir um incômodo através da linguagem cinematográfica, e como este incômodo está relacionado com a situação histórica e social sul-coreana abordada nos capítulos anteriores.

A produção foi por conta do diretor sul-coreano *Kim Seok Yoon* e da roteirista *Park Hae-Young*, dando a roteirista o prêmio de melhor roteiro no *BaekSang Arts Awards*<sup>16</sup> em 2023. Quanto à recepção durante o lançamento dos episódios, o primeiro episódio lançado dia 9 de abril obteve índice de audiência sul-coreana de 2,941%; obteve o maior índice de 6,728% no último episódio dia 29 de maio de 2022, o menor índice no quarto episódio com 2,325% no dia 17 de abril.<sup>17</sup> Mostrando, assim, que não foi linear e que o público não se adequou muito à forma mais “devagar” da narrativa do K-Drama, aumentando o interesse apenas nos últimos episódios. Obteve nota 8,6/10 no site *MyDramaList*, 9.3/10 no *DramaBeans*, 4.3/5 no Google, 3,4/5 no *AdoroCinema*, demonstrando uma aceitação boa entre os internautas brasileiros e, no caso de *MyDramaList*, internacionais.

A sinopse do audiovisual é simples e concisa, mas trás uma reflexão importante sobre a problemática tratada: exaustos com a monotonia do dia a dia, três irmãos buscam escapar de

---

<sup>16</sup> Premiação anual sul-coreana voltada à indústria do entretenimento.

<sup>17</sup> Fonte: AsianWiki. Disponível em: [https://asianwiki.com/My\\_Liberation\\_Notes](https://asianwiki.com/My_Liberation_Notes)

suas vidinhas sem graça e encontrar a verdadeira felicidade. Ao ser perguntada sobre o que seria a felicidade, a roteirista *Park Hae-Young* diz o seguinte:

É ‘conforto’. Alguém disse isso. **A sensação que eu mais queria era não ficar ansiosa.** Eu entendi isso também. Sou uma pessoa comum, mas não tive condições de realizar nada e ser feliz. Estudar era medíocre, nada era bom e acho que desisti de ser especial em primeiro lugar. Porém, depois de entrar na indústria de radiodifusão, percebi que tinha um desejo enorme por um nome. Nas transmissões e dramas, basicamente aparecem os nomes de todos os envolvidos, e eu era muito gananciosa em provar minha especialidade. Para mim, a ansiedade era um inferno. Certa vez eu disse: ‘Escrevo com os molares cerrados’, mas, olhando para trás, percebi que, como não era boa em nada, tive muita dificuldade em provar que tipo de pessoa eu era através da escrita. Ei, vamos apenas nos amar, vamos ganhar a vida e trabalhar confortavelmente. Senti que estar à vontade era a felicidade que eu queria no mundo. (Hae-Young, 9º Fórum Criativo Daishin organizado pela Daishin Securities, 2023). (grifos nossos)<sup>18</sup> (tradução: google)

Na fala da roteirista, pode-se perceber que sua inspiração para o K-Drama se deu a partir de si mesma e sua ansiedade, de não se sentir especial e de ter que provar sua utilidade o tempo todo. Logo, ao decorrer do audiovisual, podemos entender que os personagens são infelizes enquanto tentam se encaixar no padrão imposto pela sociedade neoliberal, de ter um emprego que lhe pague bem e que você seja o melhor, em morar nos centros urbanos desenvolvidos e de ter um relacionamento estável para poder se sentir útil. A roteirista ainda destaca o quanto esse sentimento a fazia ser hostil com o próximo, algo que nessa pesquisa destaco como o adentramento da norma neoliberal na subjetividade do sujeito, mesmo não se sentindo útil, passou a tratar os outros da mesma forma que tratava a si mesma:

Eu tinha dinheiro e fama, mas ao escrever novamente para encontrar a identidade das emoções que não podiam ser 'dissolvidas', percebi que vivia com desprezo pelas pessoas, que olhava para mim mesmo como olhava para os outros, e porque fiz isso com os outros, não fui amável e é assim que sou. Comecei a escrever pensando que, se esse sentimento fosse resolvido, eu também me tornaria adorável. (Hae-Young, 9º Fórum Criativo Daishin organizado pela Daishin Securities, 2023).<sup>19</sup> (tradução: google)

De acordo com a relação felicidade e conforto, a roteirista também relaciona a liberdade com ser gentil consigo mesmo. Logo, ao relacioná-la com a temática aqui tratada, podemos perceber que a liberdade proposta pelo neoliberalismo possui diversos limites, principalmente, quando se trata do próprio indivíduo causar sofrimento em si mesmo para

<sup>18</sup> Disponível em: <https://n.news.naver.com/article/014/0004986678>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://n.news.naver.com/article/014/0004986678>

aumentar sua produtividade ou sacrificar momentos de bem-estar em prol de uma futura recompensa que quase nunca chega. A roteirista afirma:

A libertação no drama refere-se a ser gentil consigo mesmo. O Sr. Goo se sente culpado por si mesmo. Falando objetivamente, Yeom Mi Jeong (interpretado por Kim Ji Won) não é uma pessoa muito deprimida, mas eles pensam que são inúteis e não podem ser indulgentes consigo mesmos. Então os dois se curaram através da adoração. (Hae-young, Workshop Internacional do Golden Bell Awards, 2023)<sup>20</sup> (tradução: google)

O romance principal irá se dar a partir de uma tentativa de confortar o outro e a si mesmo, de se sentir amado e venerado para conseguir enxergar a vida de outra forma.

### 3.1 Sobre o gênero K-Drama

Inicialmente, é importante ressaltar o que de fato é um “K-Drama”. Sendo uma abreviação de Korean Drama, “o formato é um híbrido entre aqueles das telenovelas, minisséries e séries televisivas americanas”(Rosa, 2019, p.21). Quanto ao caráter de telenovela, sempre envolvem bastante drama em sua produção, com cenas em slow motion e bastante romance, além dos episódios serem lançados semanalmente para que o público vá comentando, interagindo e, em alguns casos, até influenciando nos resultados finais. O caráter de minissérie e de seriados americanos se dá pela organização em apenas uma temporada, que geralmente não tem mais de 16 episódios e também por se adequar ao público internacional.

Inicialmente, os primeiros K-Dramas eram rigidamente controlados pelo governo militar e tinham função educativa. A partir de 1969, o investimento na produção e na propaganda se impulsionou e o K-Drama virou uma forma popular de entretenimento (Rosa, 2019, p.27). Portanto, o próprio formato de audiovisual aqui analisado está dentro da esfera comercial sul-coreana.

Se referindo particularmente à *My Liberation Notes*, o audiovisual se encaixa em diversas destas características, com seu formato de lançamento semanal (9 de abril até o dia 29 de maio nos sábados e domingos às 22:30), contendo uma temporada com 16 episódios e com classificação de 16 anos. Além disso, tem um personagem masculino de destaque que é visto como uma figura forte, mesmo com as problemáticas do cansaço, mas que é introduzido na narrativa como um homem com um trabalho complexo e perigoso e bem sucedido

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://tw.nextapple.com/entertainment/20221020/C136200CA12BA80912619D94200186D3>

economicamente mesmo optando por não usufruir, contribuindo para se encaixar na audiência sul-coreana. Entretanto, o diferencial de My Liberation Notes se dá na falta de trilhas sonoras a todo momento, no romance com poucas falas e na movimentação ainda mais lenta que outros K-Dramas. Portanto, é importante destacar que a análise de um K-Drama não pode ser neutra, ao mesmo tempo que analiso minha fonte tomando-a como uma crítica social ao neoliberalismo sul-coreano, também tenho a noção de que ela é uma produção influenciada por elementos neoliberais e em um contexto de audiência e indústria própria.

Além de se encaixar nos gêneros Drama e Romance, My Liberation Notes também tem características do gênero *Slice of Life*, típico de animes mas também utilizados em filmes e séries:

"Slice of Life" é um termo usado para designar narrativas que retratam de forma fiel ou caricata a vida cotidiana. À primeira vista, parece um gênero enfadonho por não mostrar nada surpreendente como personagens com super poderes e habilidades especiais. Mas pelo fato de se espelhar na vida real, essas histórias são de fácil identificação ao abordar dramas, problemas e situações que todos nós passamos, e também formas de lidar com essas situações. (Erick P, Filmow, s.d)<sup>21</sup>

Logo, essas características são facilmente identificadas em My Liberation Notes: um homem que apesar de ter uma vida secreta, passa o dia trabalhando em serviços pesados e a noite bebendo até passar mal (o par romântico da protagonista, Sr.Gu), três irmãos que todos os dias passam horas no transporte público e percorrem longos caminhos para voltar para casa, uma família rural trabalhando no campo em um sol forte e depois jantando juntos sem expressão de sentimentos positivos, cenas demoradas e com sons ambiente. Dessa forma, o que faria o público se interessar por um audiovisual assim? A identificação. Justamente por tocar em um ponto sensível do público, sua vida cotidiana, nua e crua. Ao ler avaliações sobre o K-Drama no Google<sup>22</sup>, podemos encontrar diversos relatos de pessoas realmente tocadas pelo audiovisual:

“É uma série bem calma, retratando o cotidiano e a vida dos personagens, eu me senti como se tivesse vivendo com eles, a maneira que atuaram parece simplesmente a vida real. Incrível como você mergulha do universo deles. Chorei muito, de soluçar, mas... valeu a pena! Indico.”(Leticia Micene, mai, 2024).

<sup>21</sup> Disponível em: <https://filmow.com/listas/animes-do-genero-slice-of-life-175137/>

<sup>22</sup>

Disponível

em:

[https://www.google.com/search?q=my+liberation+notes&rlz=1C1VDKB\\_pt-PTBR1081BR1081&oq=my+&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggCEEUYOzIGCAAQRrg7MgYIARBFgDkyBggCEEUYOzIGCAMORRg9MgYIBBBFGDwyBggFEEUYOTIGCAYORRhBMgYIBxBFGHEHSAOgzMjY3ajBqN6gCCLACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#wptab=s:H4sIAAAAAAAAAAAAFzAIz\\_CDbiATwLEOn43hMaM5KsydYBLQoOUHJvamVjdFJldmld3MSGwoGRW50aXR5EhEaDwoNL2cvMTFxOTBrZmI3cwviBS9hdmFsaWHDp8O1ZXMGc29icmUgbWVlIGRpw6FyaW8gcGFyYSBhIGxpYmVvZGFkZa93S-FzAAAA](https://www.google.com/search?q=my+liberation+notes&rlz=1C1VDKB_pt-PTBR1081BR1081&oq=my+&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggCEEUYOzIGCAAQRrg7MgYIARBFgDkyBggCEEUYOzIGCAMORRg9MgYIBBBFGDwyBggFEEUYOTIGCAYORRhBMgYIBxBFGHEHSAOgzMjY3ajBqN6gCCLACAQ&sourceid=chrome&ie=UTF-8#wptab=s:H4sIAAAAAAAAAAAAFzAIz_CDbiATwLEOn43hMaM5KsydYBLQoOUHJvamVjdFJldmld3MSGwoGRW50aXR5EhEaDwoNL2cvMTFxOTBrZmI3cwviBS9hdmFsaWHDp8O1ZXMGc29icmUgbWVlIGRpw6FyaW8gcGFyYSBhIGxpYmVvZGFkZa93S-FzAAAA)

Entretanto, este gênero trás consigo também o incômodo, ao ler avaliações sobre o K-Drama no Google, a maioria dos comentários destacam a “lentidão” e melancolia do audiovisual: “Depressivo do começo ao fim. Muito lento em contar a historia demorado demais e extremamente depressivo. Não gostei.” (Erika Dutra, jun, 2024); “Se vc quiser entrar em depressão profunda assista a essa série. Deus é mais, que tédio, chatice, melancolia que troço chatoooooo”(Mariana Mendes, nov, 2023). Os internautas destacaram a dificuldade de assistir uma narrativa lenta e sem grandes mudanças ou grandes cenas de romance, algo que a audiência dos K-Dramas não está acostumada. Entretanto, é importante destacar que, o conjunto da linguagem cinematográfica em criar essas cenas “enfadonhas” tem intenções e se adequam ao que foi proposto no enredo.

### 3.2 O cotidiano na tela

*My Liberation Notes* aborda a vida cotidiana de 3 irmãos que moram em *Sanpo* com seus pais, numa comunidade rural e longe de Seul, para onde eles têm que se deslocar todos os dias. A família é tipicamente patriarcal com o pai no centro das decisões da casa, a mãe está sempre preocupada e atarefada, fazendo dupla jornada de trabalho como dona de casa e ajudante do marido. Logo, diálogos abertos ou demonstrações de carinho não são possíveis entre eles. O irmão do meio, *Yeom Chang-hee*, possui uma grande ambição e se sente frustrado por achar que é fracassado, fato que dificulta suas relações amorosas, na qual ele termina logo antes que sua companheira se dê conta disso. A irmã mais velha, *Yeom Gi-jeong*, passa por constantes altos e baixos em relacionamentos amorosos, tendo problemas com autoestima. *Yeom Mi-jeong*, a caçula apática e protagonista principal do K-Drama, é bastante introvertida e se sente exausta a maior parte do tempo, lutando todos os dias para suportar o cansaço e sentimentos de inferioridade. Por fim, o misterioso *Sr. Gu*, é um homem calado que trabalha como carpinteiro para a família de *Mi-jeong* mas que possui um passado peculiar. Pretende-se aqui, analisar os episódios 1, 2, 3 e concluir com o 16, a escolha se deu pela forma que os primeiros episódios tratam diretamente com as problemáticas dos personagens e como elas se concluem, ou não, no último episódio.

Os primeiros episódios constituem uma rotina de casa-caminhada-ônibus-metrô-trabalho e ao fim do dia trabalho-metrô-ônibus-caminhada-casa. Por se tratar de algo comum e também pela forma que é apresentado na linguagem cinematográfica, este K-Drama faz o telespectador entrar dentro da narrativa e sentir o cansaço dos personagens. Os personagens

sentem o vazio e a introspecção que o medo do futuro traz, principalmente se tratando de uma sociedade competitiva como a capitalista.

O primeiro episódio é muito importante para se entender a contextualização do K-Drama, onde nos é apresentado os temas centrais do audiovisual, tais quais o cansaço, a socialização, os debates acerca da necessidade de elementos modernos para viver na sociedade atual, os relacionamentos, entre outros. Na descrição do episódio vemos “Após uma noite conturbada na cidade, *Yeom Gi-jeong*, *Yeom Mi-jeong* e *Yeom Chang-hee* tentam esquecer o dia e fazem uma longa viagem de táxi para casa”. Nesta descrição, já pode-se observar que o episódio não vai ser muito animador ou com histórias mirabolantes, mas sim retratar um cotidiano específico.

Ao iniciar o K-Drama, o espectador tem logo de cara contato com os clubes de “socialização” da empresa para a qual *Yeom Mi-jeong*, a protagonista e irmã mais nova do trio, trabalha. A protagonista não se interessa por nenhum, mas aceita ir para o de boliche com as colegas de trabalho, quando é questionada novamente do porquê não participa desses clubes, diz que mora longe. Durante este momento, fica claro o desconforto da protagonista, que apresenta sorrisos forçados e, mesmo tendo combinado de ir de táxi com os irmãos para casa, sai da socialização mais cedo justificando que precisa pegar o último trem. Quando ela sai da reunião, algo interessante acontece, o corte abrupto de seu sorriso forçado na festa para um semblante cansado e sério assim que coloca o pé na rua. Cenas como essa são recorrentes durante todo o audiovisual, principalmente dos personagens andando pelas ruas de Seul ou então nas estradas de Sanpo, apenas com o som ambiente.

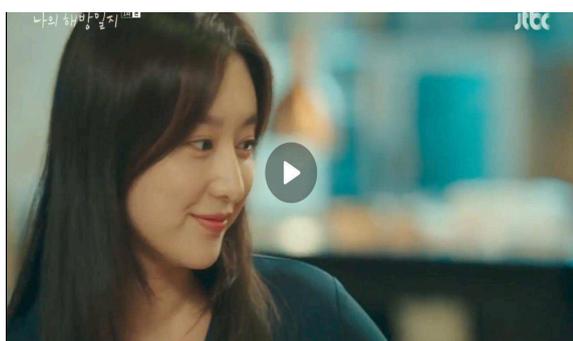


Imagem: Mi-jeong sorrindo com os colegas.  
Fonte: JTBC/Netflix, 2022. Ep.1



Imagem: Mi-jeong com feição séria ao sair do encontro.  
Fonte: JTBC/Netflix, 2022. Ep.1

*Mi-jeong* não precisa dizer que está exausta, o corte abrupto junto a atuação da atriz mudando de semblante contribui com a própria contextualização da personagem, situando bem sua história.

O primeiro episódio continua com os 3 irmãos e seus dilemas por morar longe de Seul, a capital “desenvolvida”: *Yeom Mi-jeong* e não participar dos clubes; *Yeom Gi-jeong* e suas dificuldades em encontrar parceiros e ir vê-los; e *Yeom Chang-hee* brigando com a namorada e ela o chamando de antiquado por morar longe e pela forma que falava. A próxima cena apresenta os 3 irmãos no táxi, enquanto a música *My Liberation Notes* de *Choi Jung In* toca de fundo, e os irmãos apresentam semblantes cansados atravessando a grande Seul para ir para casa. A letra da música, que tem um toque clássico e melancólico, diz que, até você dar conta que sonhos são apenas sonhos, se vive em dor e, se alguém o avisar que isso é apenas um sonho, ficará livre disso:

Até você perceber que sonhos são apenas sonhos

Nós passamos pela dor, pela dor e pela dor

**Se alguém me disser que isso é um sonho**

**Eu estarei livre de lá**

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara

A imagem escondida dentro do sonho áspero

Eu acho que pode ser uma criança pura

**Logo meu coração ficará quieto**

**Logo meu coração ficará calmo**

**Para encontrar a realidade no espaço vazio**

Tudo bem se você não tentou

Apenas olhe fixamente e você encontrará algum dia

Pode chegar lá

Ah-

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara

Ba rara, ba rara, ba rarara, ba rara (grifos nossos) (Tradução: google)<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> MY Liberation Notes. In: My liberation notes OST. Intérprete e Compositora: Choi Jun In. JTBC Studios: Coreia do Sul, 2022.

A letra reflete todo um enredo do K-Drama, a libertação nesse aspecto se mostra apenas em identificar a dor e refletir sobre essa dor, criar sua própria realidade para suportar as dores da exclusão, aspecto em bastante destaque no K-Drama. A música junto a cena, onde aparecem quadros e planos focados e desfocados, com a câmera embaçada ou lenta, dá ao receptor a idéia de exaustão dos personagens, durante 2 min 09 seg.



Imagem : Diferentes planos para a imersão do público na narrativa dos personagens.  
Fonte: JTBC/Netflix, 2022. Ep.1

Já no outro dia, outra cena interessante acontece: estão presentes a mãe e o pai dos irmãos centrais da trama, a *Yeom Mi-jeong*, o *Chang-hee* e o *Sr.Gu*, trabalhador da família, trabalhando em um sol escaldante, suados e com as faces cansadas e sérias, na roça da família. Esta cena dura em torno de 2 minutos e 35 segundos sem falas, apenas com sons ambientes e um instrumental bem melancólico de fundo. Dando lugar a outra cena, tem-se o almoço em família e com o trabalhador junto, todos calados até que *Yeom Chang-hee* pede permissão ao pai para comprar um carro, com a justificativa que não poderia namorar sem ter um carro, e não poderia beijar uma garota sem ter um carro. Este símbolo da modernidade é rejeitado pelo pai que não confia no controle financeiro do filho. Podemos, então, refletir que ao ser chamado de antiquado no começo do episódio por sua ex, ele agora busca se encaixar no padrão moderno.



Imagem: Cena da família trabalhando.  
Fonte: JTBC/Netflix, 2022. Ep.1



Imagem: Cena da família jantando.  
Fonte: JTBC/Netflix, 2022. Ep.1

O conjunto destas duas cenas continua com o desenvolvimento de cenas mecanizadas, agora com uma rotina casa-campo-jantar e, conseqüentemente, jantar-campo-casa, quando não vão para Seul. A posição da câmera possibilita uma postura de proximidade do público com a cena, fazendo parte do cotidiano da família e de suas atividades.

Junto a um amigo da família que também sofre por ser “antiquado”, *Yeom Mi-jeong* e *Yeom Chang-hee* refletem sobre suas vidas em Sanpo, lembrando a frase da ex de *Chang-hee*, que afirmou que a região de *Sanpo* seria como uma clara de ovo que cerca Seul, o centro coreano. “De todos os lugares, porque nasci numa clara de ovo?” reflete *Chang-hee*. Se eles morassem em Seul, seriam diferentes?

Ao chegar ao trabalho, *Mi-jeong* logo é questionada pela empresa se ela vai entrar em algum clube porque além de ser divertido, aumenta a produtividade. E após passar por mais dilemas sociais durante o dia, conclui que não seria diferente se morasse em Seul, porque:

Tanto faz o lugar que se more, eu seria a mesma. Onde quer que eu morasse, minha vida seria assim. Eu estaria vivendo a mesma vida banal e ninguém se interessaria por mim. Eu sentia que, se vivesse assim por muito tempo, eu murcharia e morreria. Por isso inventei você. Você, que vou conhecer um dia. Ao menos para você, eu não seria uma pessoa qualquer, certo? (Episódio 1)

O “você” imaginado por *Mi-jeong* se trata de alguém que inventou em sua mente para se sentir mais especial, essa questão é apresentada no audiovisual a todo momento, junto às pressões de se ter alguém para pelo menos se sentir digna de algo. Logo, o afastamento entre as pessoas causado pela superprodução e competitividade capitalista faria com que o ser humano precisasse se sentir amado para ser útil? Esse é outro ponto de destaque desta pesquisa, que defende este questionamento na medida em que a personagem sente uma necessidade imprescindível de ser amada, chegando até a pedir ao *Sr. Gu* que a venerasse. Não apenas ser amada, mas também venerada. Construir algo para se sentir bem e aguentar a

rotina de competição e de concepções neoliberais. Logo, vem a necessidade de tentar não ser engolido por esse sistema:

Se eu imaginar que estou aqui trabalhando ao seu lado, até tarefas terríveis como essa se tornam algo bonito. O trabalho se torna suportável. Estou fazendo o papel de uma mulher amada. Uma mulher que tem tudo o que precisa. No momento, eu amo uma pessoa e essa pessoa me apoia. Quero imaginar que estou em paz. Que já estou curtindo os bons momentos que vou passar com você. É assim que quero pensar. Em vez de passar por momentos difíceis e exaustivos sem você, não é mais digno que eu encontre forças pensando em você? (Episódio 1)

No segundo episódio, o *Sr.Gu* ganha mais destaque no K-Drama, com a descrição do episódio sendo “Para esconder as má notícias, *Mi-jeong* encaminha uma carta para o endereço do *Sr.Gu*. O *Sr.Gu*, que estava se afundando nas bebidas, encontra algo para fazer” (Netflix). Ele é um homem misterioso e de poucas palavras, às vezes nenhuma. Se senta do lado de fora todas as noites e bebe várias garrafas de *Soju* enquanto olha para o nada e escuta o barulho dos grilos nas árvores. Enquanto isso, a *Mi-jeong* vai tendo mais contato com colegas introvertidos que a empresa junta quase à força na hora do almoço. Logo, *Jo Tae-hoon*, um homem divorciado que tem uma filha; *Yeom Mi-jeong*, uma mulher que mora longe; e *Park Sang-min*, um introvertido que se sente rejeitado, vão formar um trio bem peculiar.

O drama central deste episódio se dá no sofrimento de *Mi-jeong* com sua dívida de um empréstimo que fez para ajudar seu ex-namorado, e que depois fugiu com a ex-namorada para a Tailândia, ela se sente mal por esconder dos pais e acaba se diminuindo também. Já o *Sr.Gu* bebe até passar mal e depois volta a comprar bebida, ninguém sabe o porquê.

Mais um dia de *Mi-jeong* se desenvolvendo negativamente, com a exclusão das saídas de suas colegas de trabalho e das reclamações de seu chefe, ela chega no seu máximo de suportar o dia quando está no “Centro de Apoio Joy”, local onde se organizam os clubes de sua empresa. Em sua volta para casa, com a câmera atrás da personagem e visualizando o que seria seu campo de visão, o telespectador se sente envolto e dentro da trama, sentindo o mesmo que a personagem, vendo diversas pessoas voltando para casa em câmera lenta e com uma fala fundamental para o entendimento da narrativa:

Estou exausta. Não sei quando tudo começou a dar errado, mas estou exausta. Todo relacionamento parece trabalho. Todos os segundos que passo acordada parecem trabalho. Nunca acontece nada. Ninguém gosta de mim. (Episódio 2)

Esta fala demonstra perfeitamente como elementos relacionados à produção no trabalho se relacionam com a esfera social dos indivíduos. A ordem neoliberal esgota a sociabilidade humana ao categorizá-la como algo a ser trabalhado, gerenciado, melhorado e, conseqüentemente, forçado. É tão esperado que o indivíduo tenha a obrigação de ter relacionamentos amorosos e de amizades bem sucedidas, que quem não alcança este nível se esgota e fica exausto ao tentar se encaixar nesse padrão. Nesse sentido, Safatle, Júnior e Dunker (2021) afirmam que “diversos estudos nos lembram de como transtornos psiquiátricos são amplamente determinados por dinâmicas sociais relacionadas à vida pública e à gestão do Estado.” (p. 130). Dessa forma, pode-se perceber que os sentimentos de inutilidade e cansaço da personagem possuem relação intrínseca com o projeto neoliberal e com seu sistema de competitividade que esgota o indivíduo, chegando a um ponto onde tudo se torna trabalho.

Chegando em casa e ainda abalada, *Mi-jeong* vê *Sr.Gu* bebendo novamente e vai direto para ele, perguntando se ele queria fazer algo além de beber, e se sim, que a venerasse: Me venere. Eu nunca me senti completa. Um babaca atrás do outro. Todos os caras que namorei eram idiotas. Então me venere e me faça sentir completa. [...] Quero me sentir plena ao menos uma vez. Então me venere. Só amor não é o bastante. Me venere. (Ep.2). Esta fala é muito interessante porque reflete a necessidade do indivíduo que está em sofrimento nesse contexto de se sentir importante pelo menos para uma pessoa. Logo, o romance dos dois não se inicia com uma grande história de amor repleta de cenas muito sentimentais como a maioria dos K-Dramas, mas sim, por uma questão de necessidade mútua de se curar. A veneração de *Mi-jeong* condiz com torcer pelo outro e fazer com que as coisas sejam possíveis para ele.

Inicialmente, o *Sr.Gu* recusou a proposta de *Mi-jeong*, argumentando que ele não queria fazer nada com ninguém, por isso buscou uma vida pacata no campo. Ele chega a ser grosseiro com ela, a avisando para ela resolver o problema do empréstimo e que ela não deveria confiar em homens. *Mi-jeong* se questiona:

Quando aquele idiota devolver o dinheiro, minha vida vai melhorar? Acho que nada vai mudar. Nunca vou me sentir plena nesta vida de merda com essas pessoas horríveis fingindo que são incríveis e falando coisas sem pensar. Como eles falam...(Episódio 2)

E, desapontada com isso, *Mi-jeong* decide sair com as colegas de trabalho para um bar, coisa que nunca fazia, pelo menos não por vontade própria. Pela primeira vez, não quer

voltar para casa. Mas mesmo assim volta, e sua aproximação com o *Sr. Gu* vai se dar através de pequenas coisas, sem nenhum diálogo, apenas ele andando mais devagar atrás dela para que ela se sinta mais segura para passar a noite na estrada por dois caras suspeitos. O som dos passos mais lentos junto ao barulho das garrafas se batendo em sua sacola de compras ganham destaque e, ao passar pelos homens, ele caminha rápido como sempre, passa por ela e vai para casa. Sem nenhuma interação direta mas com um pequeno gesto importante.

Voltando ao drama dos clubes de sua empresa, *Mi-jeong* apresenta outro argumento para não entrar em um, esta fala reflete muito a aceleração de seguir passos pré-estabelecidos “evoluindo” mesmo que não tenha aprendido o básico.

Não quero mais aprender coisas. Quando aprendi a nadar, não conseguia nadar crawl. Mas, como éramos muitos, passamos para o nado costas, para o nado peito... Na escola também foi assim. Eu ainda não tinha aprendido a tabuada, mas passamos para as frações. Depois disso, eu ficava sentada sem fazer nada. Em um clube, vai acontecer a mesma coisa de novo. Além disso, não gosto de nada. (Episódio 3)

*Chang-hee* terminou com a namorada porque sentia que ela não o achava bom o suficiente e fracassado. “Eu sei que não sou o melhor que ela pode arrumar”, diz ele no episódio 3. E esse pensamento de insuficiência também afeta *Mi-jeong*:

Se parar para pensar, todos os babacas da minha vida começaram com o mesmo olhar. O olhar que parecia dizer: ‘você não é boa o bastante.’ Isso faz você se sentir tão pequena, como se fosse insignificante. Foi esse olhar que nos deixou doentes e exaustos. Uma sucessão de relacionamentos para encontrar algo a amar em nós mesmos. Saímos deles com mais certeza de que somos realmente repulsivos. Onde devemos procurar a resposta? (Episódio 3)

Como vimos no capítulo 2, este sentimento de insuficiência muitas vezes pode, e é relacionado a forma que as normas neoliberais adentram em nossa subjetividade. Se nos sentirmos suficientes, como vamos competir e tentar sempre superar a produção do outro? Se nos sentirmos bem sucedidos o bastante, como vamos continuar a juntar capital para o mercado? Este sistema é cruel a ponto de fazer o indivíduo se autodestruir. É disso que a *Mi-jeong* precisa e busca se libertar.

Após diversas tentativas da empresa de colocar *Mi-jeong* e mais dois colegas em um clube, ela decide criar um, o “Clube da Liberdade”, com seus colegas também excluídos. Ela busca se libertar de algo que está presa mas não sabe onde. “Não há nada na minha vida que me relaxe. Me sinto encurralada e sufocada. Quero me libertar.” (Ep.3). Ao serem perguntados o que significa liberdade, o colega afirma que a República da Coreia foi libertada

em 1945, mas eles ainda não encontraram a liberdade. Esta cena tem um tom um pouco humorístico com uma música de comédia de fundo, mas não deixa de ser importante e se encaixa nesta pesquisa. A “libertação” dada à Coreia do Sul pelos Estados Unidos realmente os livrou do sofrimento? Eles deixarem de ser uma colônia japonesa fez com que seus problemas internos e a influência de problemas externos se resolvessem? É o que tento responder neste estudo. A primeira tarefa do grupo é saber do que eles estão tentando se libertar. Os dogmas do clube de libertação são: 1. Não fingir ser feliz. 2. Não fingir ser infeliz. 3. Ser sincero.

Nessa perspectiva, podemos relacionar a liberdade buscada pelos membros do clube com a falta de liberdade do próprio projeto neoliberal, os personagens se sentem exaustos e sem utilidade para o grande capital. Pensando nisso, buscam se libertar da própria mentalidade neoliberal. Han (2023) reflete sobre a falta de liberdade na livre concorrência:

O capital é a atividade em estado puro. Ele é a transcendência que se apodera da imanência da vida e a explora completamente. Ele reduz a vida a uma vida crua, que trabalha. O ser humano é rebaixado a um *animal laborans*. Também a liberdade é explorada. A livre-concorrência é, segundo Marx, nada mais do que a “relação do capital consigo mesmo como um outro capital”. Enquanto concorremos um com o outro na livre-competição, o capital se reproduz. Apenas o capital é livre: “Não são os indivíduos que são livres na livre-concorrência, mas o capital”. Os indivíduos, que se iludem pensando ser livres, são, fundamentalmente, órgãos sexuais do capital, que servem para a sua reprodução. O excesso neoliberal de liberdade e de desempenho não é nada mais do que o excesso do capital. (p.43)

*Mi-jeong* afirma que não gosta de ninguém completamente, sempre tem algo que a incomoda. Logo, quando tenta venerar o *Gu*, ela deixa de lado essas coisas e tenta, mesmo ele sendo um homem que ela não sabe praticamente nada a respeito, apenas que é um alcoólico. O *Gu* parece já ter desistido de si, vivendo em sua bagunça mental e não querendo ter ninguém. *Mi-jeong* afirma que, das 24 horas do dia, só se sente bem em 2. O resto das horas é de sobrevivência. “Não faço nada mas ainda assim me sinto exausta”.

Em uma reunião, um dos colegas do clube afirma:

Depois de respirar, o que mais faço é olhar para este relógio. Eu não paro de olhar para ele. “O tempo voa mesmo. Já é esta hora?” É assim. Olho para ele o dia todo. As 24 horas do dia. Vou trabalhar, saio do trabalho, como e durmo. Todo dia é igual. Por que fico olhando para o relógio? Acho que me sinto obrigado a ter um dia produtivo, mas não vejo o resultado. Só fico olhando para o relógio e sendo perseguido pelo tempo. Quando percebi que vivi assim por toda a minha vida, estranhamente, meu coração começou a bater mais devagar: “Tum-tum, tum-tum, tum-tum.” Antes era: “Ta-ta-ta-ta.” Não acredito que levei 50 anos para perceber isso. [...] Posso não conseguir me libertar completamente do tempo, mas descansar após ter feito o suficiente e acordar quando tiver dormido o suficiente.. Encontrar meu próprio ritmo assim pode ser a libertação de que mais preciso. (Episódio 7)

A libertação se apresenta como um processo, nenhum dos membros conseguiu ela completamente, mas sim, um pouco todos os dias. Esta liberdade não parece completamente possível no contexto que eles vivem, as pessoas continuam fingindo, os traumas permanecem, a vida continua como sempre foi. Entretanto, pode-se ver que os personagens conseguiram entender um pouco mais o que lhes incomodava, alguns mais que outros. *Mi-jeong* (irmã mais nova) está em um novo emprego onde não é oprimida o tempo todo como antes, continua fazendo sua regra de 5 minutos por dia de felicidade e se sente amada por *Gu*. *Gu* continua com seu problema com a bebida, em um trabalho suspeito e violento, mas agora também faz a regra dos 5 minutos de *Mi-jeong* para tentar se libertar, no último capítulo, suas falas para a *Mi-jeong* revelam que ele planeja se despedir dela antes de que ela veja seu pior lado, abrindo espaço para que os espectadores pensem em qual futuro o *Gu* teria depois do final da série. *Chang-hee* (irmão do meio) consegue o apoio do pai ao pagar seu empréstimo e demonstra se importar menos com dinheiro agora, além de descobrir sua direção acompanhando pessoas para a morte sendo agente funerário. *Gi-jeong* (irmã mais velha) ainda demonstra poucos avanços, continua com problemas com sua aparência, não tem o apoio da irmã e da filha de seu namorado, além do relacionamento dos dois não ir bem, mas tendo como última cena ele lhe dando flores. *Jo Tae-hoon* (namorado de *Gi-jeong* e membro do clube de libertação de *Mi-jeong*) continua sem se sentir liberto, e reflete que não queria ter nascido, sua relação com a filha também não melhorou. *Park Sang-min* (membro do clube de libertação) é um dos poucos que realmente conseguiu se libertar do relógio que o afugentava, mas sua trajetória não foi muito descrita no drama.

Portanto, conclui-se que, o objetivo do clube de libertação e da própria roteirista, seria o de descobrir o que incomoda, e não se libertar totalmente dele, já que este drama não busca um “final feliz”. O K-Drama se desenvolveu muito bem, apesar de alguns telespectadores não terem apoiado um final tão aberto assim e uma jornada lenta. Vi como desnecessária esta vida dupla de *Gu* em um Clube de apostas, entretanto, interpreto como algo colocado também por conta do público, que é acostumado a ver protagonistas masculinos com grandes feitos ou trabalhos complexos, o que aconteceria se *Gu* fosse um homem comum? A obra já está feita e finalizada, provavelmente não terá uma segunda temporada, visto que os K-Dramas normalmente só possuem uma. E não caberia outra, ao finalizar o último episódio o público pode ter se entristecido, se decepcionado, se animado, ou apenas refletido o quanto essa tal “liberdade” falada pode ser algo que não se consiga totalmente. Pelo menos não no contexto em que esses personagens vivem.

### 3.3 O silêncio

A ausência de falas constantes e de trilha sonora em muitos momentos junto a utilização de sons ambientes são um dos instrumentos cinematográficos usados pelos seus criadores para caracterizar o drama cotidiano e também gerar o incômodo. A família não tem diálogos sinceros e afetuosos, o romance do casal principal se dá através do silêncio, personagens como *Gu* e *Mi-jeong* não se expressam por palavras, mas sim por ações. Este elemento precisa ser levado em consideração pois tem muitos significados. Pensando nisso, Almeida (2010) reflete sobre o uso do silêncio em obras audiovisuais:

Mas se o cinema tem no silêncio um elemento chave desde o início, a situação hoje, segundo Carrière – que é roteirista – é de uma aceleração de ritmo constante, eliminando todas as pausas, ainda que o cineasta possa considerar fundamental um momento de descanso, para contemplar uma bela paisagem. O risco do silêncio e da pausa é de que o espectador se desinteresse, mude de canal, sem “paciência com o tipo de quietude” da qual se desacostumou (p. 26); sua integração como elemento se metamorfoseia, para aderir ao caos de imagens e de sons que vivemos cotidianamente. “Perigo de mudança de canal” rabiscam os editores sempre que uma pausa no roteiro desacelera os processos de percepção e de decifração. (p.38)

Essa característica de desaceleração que é apresentada no K-Drama foi um dos motivos de parte do público não aceitar muito bem o audiovisual. Este elemento causa este incômodo porque faz o público, acostumado ao excesso de informações, a aceleração constante da sociedade do século XXI e as constantes mudanças nos enredos de audiovisuais, terem que parar, desacelerar, e refletir a história tratada no drama. Tendo relação, também, com a influência do cinema hollywoodiano disseminado pela globalização. É nesse contexto, que aspectos técnicos da linguagem audiovisual (trilha sonora, focos e desfoques, planos) e aspectos representacionais (enredo, falas, representações) conversam entre si para expressar o que o produtor quer dizer ao público. Napolitano (2008) expressa bem isso ao afirmar que “em outras palavras, no caso das fontes audiovisuais e musicais, os "conteúdos", as linguagens e as tecnologias de registro formam um tripé que, em última análise, irá interferir no potencial informativo do documento (p.267). Logo, o silêncio e os aspectos da filmagem que trazem uma perspectiva mais demorada no drama, faz com que o produtor consiga expressar suas idéias além do roteiro e em consonância com ele.

O silêncio se apresenta como suporte para a construção da narrativa, pois ele potencializa as próprias ações dos personagens:

A restrição do elemento verbal oral não limita nem a interação entre as personagens nem a narrativa implícita do filme, que se constrói potencializando fortemente a imagem, as ações do corpo e todos os elementos sonoros não-verbais, ruídos que ganham relevo no calar das personagens, mas principalmente a música, que em tantos momentos se coloca no lugar dos diálogos a produzir sentidos entre as personagens. (ALMEIDA, 2010, p.42)

Dessa forma, a produção de sentidos através do elemento silencioso reflete outras esferas e não apenas a sonora. Pires (2019) discute a impossibilidade do silêncio absoluto, que só se constituiria no vácuo, então, quando se reflete sobre o elemento silencioso, observa-se que ele constitui muito mais do que apenas a ausência de som:

Em termos cinematográficos, ele pode ser representado tanto por meios acústicos quanto por artificios visuais, se revelando como um rico recurso semântico e artístico. A manipulação de cortes, cores, gestos, sons, movimentos, enquadramentos e luz é utilizada pelos cineastas para evocar sensações silenciosas no espectador, suscitando então experiências multissensoriais, visto que são provocadas por outros sentidos (além da audição). (p.3)

Se mostra necessário compreender o silêncio utilizado por *Kim Seok Yoon* (o diretor) em *My Liberation Notes* porque, primeiramente, expressa suas intenções em fazer o público sentir o incômodo que sua produção e a história do drama traz; contribui para a crítica e a problematização trazida pelo roteiro que critica a sociedade acelerada; e, por fim, reflete o contexto de uma Coreia do Sul contemporânea que busca trazer de volta aspectos tradicionais de sua cultura que foram engolidos pelo capitalismo estadunidense. Logo, pensando o Taoísmo e o Confucionismo, correntes com grande influência da nação coreana anterior a divisão:

O silêncio, do ponto de vista oriental, não constitui, portanto, a ausência do verbo ou passividade. Caracteriza-se por uma experiência, um ato de introspecção que é uma busca. Isso se deve igualmente ao fato de que a cultura oriental desenvolve uma outra relação com o conceito de “nada”, em comparação ao pensamento ocidental dominante. [...] Assim, entende-se que não há finalidade, há um processo, um caminho e a constante formação (PIRES apud HELLER, 2019, p.6)

Tal busca acaba se conectando com o próprio ideal da busca pela liberdade que é trazida em *My Liberation Notes*. Nenhum personagem conseguiu a liberdade absoluta, mas é tratado no K-Drama como um caminho em constante formação. O importante, no final do audiovisual, seria entender o que incomodava os personagens do Clube de Libertação. A própria trajetória dos personagens é tratada como um processo em constante formação, em busca de amadurecimento e de tentativas de enfrentar os incômodos, sem promessas de que o incômodo seria acabado totalmente.

O romance do casal principal se dá através de pequenas ações e de silêncios, um silêncio contemplativo. Byung-chul Han (2023) reflete sobre a obrigação de agir na sociedade contemporânea como um meio de dominação, afirmando que, sem o silêncio, não é possível o pensamento livre. A obrigação de produzir se apoia na linguagem, reduzindo-a apenas a portadora de informações. Assim, o autor defende a necessidade da inatividade:

A política da inatividade libera a imanência da vida da transcendência, que é o que a aliena de si própria. Só na inatividade tomamos consciência do solo em que pisamos e do espaço em que nos encontramos. (p.43)

Sendo o silêncio uma forma de inatividade, combate a obrigação de atividade, produção e desempenho, elementos que levam à falta de ar. A superprodução faz com que “o ser humano se sufoca em seu próprio fazer. Só na reflexão as coisas se tornam ‘espaçosas, arejadas em torno do ser humano.’” (HAN, 2023, p.74).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas sobre Estudos Asiáticos e Estudos Coreanos ainda são muito escassas no Brasil, apresentando uma necessidade de se estudar mais sobre a Coreia do Sul. Por conta da *Hallyu*, a cultura coreana chega cada vez mais na vida dos brasileiros, desde crianças e adolescentes até adultos. A partir disso, podemos identificar uma necessidade de estudar as relações sociais, políticas e econômicas sul-coreanas, para que seja possível aproveitar esses conteúdos, mas de forma crítica, e tomando cuidado para não absorver discursos neoliberais de audiovisuais mais conservadores. Além disso, a Coreia do Sul e o Brasil tem aspectos mais em comum do que se imagina: os dois países foram industrializados tardiamente, tiveram um passado político com colonização e período ditatorial, também passaram por um período de redemocratização nos anos 90, e sofrem nos dias atuais com altos números de desigualdade social como países de “democracia” neoliberal.

Em minha pesquisa, busquei articular o K-Drama *My Liberation Notes* com o contexto histórico e social da Coreia do Sul para analisar a hipótese de que o projeto neoliberal consegue adentrar na subjetividade dos indivíduos, afetando não apenas a esfera profissional, mas também a esfera social. Pode-se concluir que, o cansaço e o adoecimento abordado pelos autores do capítulo 2, conseguiu ser demonstrado no K-Drama através do incômodo gerado pela linguagem cinematográfica e pela construção dos personagens e seus problemas de insuficiência, infelicidade e o próprio cansaço. Assim, *My Liberation Notes* acaba se tornando um exemplo de reflexão acerca do neoliberalismo e da impossibilidade de ser livre nele.

Como foi falado durante o capítulo 1, a globalização do mundo com a constituição do capitalismo financeiro e a abertura dos mercados interligou os países economicamente, mas também conseguiu constituir problemas sociais e psíquicos parecidos. Pensar no adoecimento global por conta do neoliberalismo é um caminho possível. No capítulo 2, discutimos como o projeto neoliberal consegue adentrar na subjetividade dos indivíduos, causando sofrimento

psíquico. Logo, num mundo globalizado e centrado na concorrência capitalista, se mostra imprescindível discutir tais aspectos em qualquer parte do globo. Dessa forma, como visto no Capítulo 3, o cansaço pode vir a partir de relações sociais parecendo trabalho, sentimentos de insuficiência no cotidiano, indivíduos perdendo a vontade de viver.

Dessa forma, este trabalho traz a reflexão se realmente há liberdade no sistema capitalista de característica neoliberal, concluindo que não. A solução para este problema está longe de ser resolvido. Entretanto, refletir sobre a desigualdade social, os adoecimentos psíquicos gerados pela economia e a autodisciplina através da autogestão, se apresentam como o começo de um debate urgente.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Júlia Maria Costa. Falas, silêncios e imagens: o cinema de Kim Ki-Duk. **Ponto de Acesso**. v.4, n1. Salvador: Abril, 2010.

Garcia, Emilla Grizende. **A telenovela como fonte de pesquisa historiográfica**. Anais Eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos, 2014.

Han, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

Han, Byung-Chul. **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

Hobsbawm, Eric J. **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Laval, Christian; Dardot, Pierre. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Macedo, Emiliano Unzer. **A Montanha e o Urso: Uma história da Coreia**. Columbia e San Bernardino, EUA: Amazon Independent Publishing, 2018.

Moreira, Uallace; Bastos, Pedro Paulo Zahluth. Organização Industrial, Estrutura de Propriedade do Capital e Política Econômica na Coreia do Sul: da industrialização ao neoliberalismo. **Geosul**, v.38, n.85, Florianópolis: Jan./Abr. 2023. p.38-66. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/90201/52842> Acesso em: 10 de set. 2024.

MY LIBERATION NOTES. Direção: Kim Seok Yoon. Produção: JTBC. Coreia do Sul: Netflix, 2022.

Napolitano, Marcos. A História depois do papel. *In*: Pinsky, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Pires, Yasmin; Villa, André. A representação do silêncio no cinema sonoro. **Revista Visualidades**. v.1, Goiás, 2019.

Rosa, Daniela. **O que os K-Dramas querem?** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História da Arte) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p.94. 2015.

Safatle, V; Júnior, N. da S; Dunker, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Safatle, V; Júnior, N. da S; Dunker, C. São Paulo: Autêntica, 2020.

Seo, Dongjin. The will to self-managing, the will to freedom: the self-managing ethic and the spirit of flexible capitalism in South Korea. *In*: **New Millennium South Korea: Neoliberal capitalism and transnational movements**. Taylor & Francis e-Library. New York: 2010.

Shin, Kwang-Yeong. Globalization and social inequality in South Korea. *In*: **New Millennium South Korea: Neoliberal capitalism and transnational movements**. Taylor & Francis e-Library. New York: 2010.

Song, Jesook. **New Millennium South Korea: Neoliberal capitalism and transnational movements**. Taylor & Francis e-Library. New York: 2010.